

Não se perca em . . .

SCARLETS

UM EPISÓDIO DA SÉRIE ASYLUM



BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

MADELEINE ROUX



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SCARLETS

UM EPISÓDIO DA SÉRIE ASYLUM



MADELEINE ROUX





Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Natália Chagas Máximo
Tradução: Alexandre Boide
Revisão: Luciana Araujo
Diagramação: Pamella Destefi
The images in this book are custom photo illustrations created by Faceout Studio.
(Paper) Texture: © Eky Studio/Shutterstock.com
Diamond Background: © Carol Abram/Shutterstock.com
ePUB: Pamella Destefi

Título original: *The Scarlets*

© 2014 HaperCollins Publishers. Publicado com a autorização da HaperCollins Children's Books, uma divisão da HaperCollins Publishers.
© 2015 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 – Vila Mariana
CEP 04020-041 – São Paulo – SP
Tel./ Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

eISBN 978-85-7683-843-2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roux, Madeleine

Scarlets [livro eletrônico] / Madeleine Roux; [tradução Alexandre Boide]. – São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2015. – (Coleção asylum)
7,4Mb; ePUB.

Título original: *The scarlets*.
ISBN 978-85-7683-843-2

1. Ficção juvenil 2. Suspense – Ficção I. Título. II. Série.

15-02414

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Por que ser um homem se você pode ser um sucesso?

– Bertolt Brecht

Existem sempre duas mortes,
a real e aquela que as pessoas conhecem.

– Jean Rhys, *Vasto mar de sargaços*

PRÓLOGO

A s coisas que queremos só são desejáveis porque não podemos tê-las. Para mim, desejo um legado que vá além de minha vidinha insignificante, talvez até a imortalidade. Quando eu conseguir isso – se, não quando –, com certeza deixará de ser o cerne da minha vontade. Gostaria de saber o que eu iria perseguir em seguida, apesar de temer a resposta. Será algo maior, claro, e que me consumirá ainda mais, naturalmente.

– Trecho do diário do diretor Crawford, primeiro semestre de 1953.

CAPÍTULO

1

Quando Cal acordou, a sala de aula estava vazia. Sem professor. Sem alunos. Seu rosto estava grudado na carteira quando ergueu a cabeça. Sua boca estava com um gosto azedo, o mundo inteiro girava e todas as coisas pareciam disformes e fora de foco.

– Ele está aqui.

Era a voz da professora. Da professora Reyes. Minha nossa, ela era péssima. Cal a detestava. Aquela falha entre os dentes. A maneira como revirava os olhos quando fazia uma pergunta e ninguém levantava a mão para responder. *Talvez esteja na hora de começar a fazer perguntas melhores, minha senhora.*

Sua cabeça latejava, o gosto azedo na boca fazia seu estômago se revirar. Ele apoiou a cabeça de volta na carteira. Não era exatamente confortável, mas parecia melhor que manter os olhos abertos e sentir a luz penetrar até o fundo de seu crânio.

– Já é a terceira vez, Roger – a professora Reyes continuou. – Três vezes. Isso é inaceitável.

– Eu entendo, Carie. Obrigado por me informar a respeito.

– Claro – Cal já até imaginava os olhos dela se revirando. – Mas da próxima vez...

– Ah, não se preocupe – Roger, seu bom e velho pai, soltou uma risadinha amarga. – Não vai acontecer de novo.

A porta se fechou sem violência, mas com um ruído audível – a forma que encontrou de avisar que estava indo embora, mas não estava satisfeita com a situação. Uma nova sensação se instalou em seu estômago, e aparentemente com força suficiente para fazê-lo passar mal. Mas devia ser só consequência das garrafas de Yuengling que ele bebeu na noite anterior. Afinal, era esse o motivo para ele ter dormido na aula, para começo de conversa.

– Isso significa que eu posso voltar para Greenport? – Cal ergueu a cabeça de novo, dessa vez deixando uma poça de saliva na carteira. – Por favor, me diz que eu posso voltar para Greenport.

– Pensei que você detestasse Greenport. Que estivesse ansioso para ir embora de lá.

Roger, que ele tratava pelo nome, e não de pai ou papai, ajeitou o cinto antes de se sentar em uma carteira de frente para Cal. O móvel rangeu em protesto contra o peso a que foi submetido.

Para Cal, olhar para seu pai era como encarar um espelho mágico que lhe permitia ver o futuro caso não abandonasse de vez a cerveja barata e as pizzas. Restava apenas um tufo de cabelos castanhos avermelhados no topo da cabeça de Roger, que ele enchia de gel e penteava de modo a tentar esconder a careca cheia de sardas. Havia manchas na pele de seu rosto também, cada vez mais escuras por causa do sol. Ele era um homem bonito na juventude, algo que sua mãe sempre dizia, mas não com afeto, e sim com tristeza.

Seu pai era muito bonito, Cal. Um rapaz bem bonito.

Cal franziu a testa, baixando os olhos para o chão. Isso podia ser só uma ilusão de sua mãe. Ela insistia em dizer isso mesmo depois do divórcio, talvez por uma vontade não assumida de querer voltar no tempo. Na verdade, Cal considerava muita sorte dela ter se livrado de Roger.

– *Bêbado*, Cal? Na sala de aula? Três vezes? – Roger sacudiu a cabeça, balançando suas bochechas flácidas de leão-marinho. – Ainda bem que Caroline veio falar comigo. Você está ganhando má fama, filho... e eu não vou conseguir segurar a barra por muito tempo.

– Coitadinho de você.

– Senta direito.

Cal obedeceu. De vez em quando isso acontecia automaticamente, quando Roger usava um determinado tom de voz. Era o mesmo que Cal ouvia antes de receber umas palmadas de seu pai quando era pequeno.

– Algumas pessoas encaram isso como um pedido de ajuda, sabe.

Cal encolheu os ombros e estalou o pescoço.

– Algumas pessoas são simplesmente idiotas.

– Você não vai voltar para Greenport – Roger cruzou os braços sobre o peito, cerrando os dentes. – Você não vai para lugar nenhum. Vai ficar aqui e fazer aulas particulares. Vai sair dessa bebedeira e parar com essa... com esse... essas atitudes – ele ajeitou a gravata e virou a cabeça para uma das janelas altas e envidraçadas. – Como se *essa história de ser gay* não fosse o bastante, seu comportamento só vem piorando desde que você chegou aqui.

– Puxa, Roger, valeu mesmo.

Essa história de ser gay. O nó em seu estômago se desfez. Roger só estava provocando, tentando despertar alguma reação, mas isso não ia acontecer. Ele não podia permitir que acontecesse.

– Você fez algum curso para falar como um babaca ou esse tipo de coisa vem naturalmente?

Ele esperava uma reação de irritação, mas não um tapa. Cal foi atingido com força, e sentiu seus dentes cortarem o interior de sua bochecha.

Seu pai tinha sido um homem bonito um dia. Um atleta. Talvez até um ser humano também.

Desgraçado.

– Você vai fazer aulas particulares – repetiu Roger, abrindo e fechando a mão. – E parar com a bebedeira.

– E se eu não quiser?

Seu pai ficou de pé e ajeitou o cinto de novo, encarando Cal com olhos frios e vazios.

– Nós não estamos em uma negociação, Cal. Você vai parar de beber e fará as aulas particulares. Eu não vou falar de novo.

CAPÍTULO

2

As palavras na página ficaram borradas. Alguma coisa em seu olho direito parecia estar em pane, como se uma parte do globo ocular tivesse se rompido, deixando para trás um latejar debilitante que teimava em não parar. Ele batucou com os dedos na mesa, tentando disfarçar o tremor nas mãos.

Menos de quatro horas depois de sua conversa com Roger, ali estava ele, procurando orientação nos estudos. Parar com a bebedeira? Bom, uma coisa de cada vez.

Havia palavras diante de seus olhos e palavras zunindo em seus ouvidos, mas, por mais que tentasse, Cal não conseguia decifrar seu significado nem descobrir como poderiam ajudar com sua ressaca, que não tinha melhorado nem um pouco depois de tomar uma aspirina.

– Você tem cerveja aí?

Piscando algumas vezes e segurando um bocejo, sua professora particular o encarou. Ela até que era bonitinha, apesar de seu jeito meio nerd. Sua pele era meio amarelada e seu cabelo não parecia ter um corte definido. Seus olhos azuis esverdeados eram o único traço convencional de beleza em seu rosto.

E esses olhos azuis esverdeados o encaravam naquele exato momento. Certo. *Fallon*. Era esse o nome dela.

– Você sabe que continuar bêbado na verdade não cura a ressaca, certo? – perguntou Fallon, coçando o rosto com a borracha do lápis.

– Não sei, e não estou nem aí – Cal se espreguiçou, mas logo se encolheu de novo. Ficar estirado sobre a mesa era a única posição que não parecia agravar sua dor de cabeça. – Só sei que quero uma cerveja agora, bem gelada, e só quero saber o mínimo indispensável para escrever esse trabalho sobre *Vasto bar de sargaços*.

– Mar.

– Que seja. O livro é basicamente uma *fanfiction* sobre um outro romance, mais famoso. Por que precisamos ler esse tipo de porcaria?

– Vê se não escreve isso no seu trabalho, de jeito nenhum – murmurou Fallon, revirando os olhos. Em seguida, ela foi até o frigobar ao lado da cama, se agachou e revirou lá dentro, procurando por uma lata de Bud Light. Talvez ela não fosse tão nerd assim, no fim das contas. – Aqui está.

Ela bateu a lata na mesa com mais força do que o necessário, acentuando a secura de suas palavras.

Cal soltou uma risadinha e abriu a lata.

– Está de dieta?

– Me lembra de cobrar um extra quando você for pagar pela aula. Quer dizer, o seu *pai*.

Nada de brincadeiras, então. Fazia sentido. Alguém escolhido por Roger para ajudá-lo nos estudos só poderia ser uma pessoa sem nenhum senso de humor.

Assim como Roger.

– Qual é a dele, aliás? – Fallon perguntou, tão baixinho e com um tom tão casual que Cal imaginou ter ouvido errado.

– De quem?

– Do seu pai. Nós já nos cruzamos algumas vezes no campus, mas fiquei surpresa quando ele me ligou – Fallon o observava com atenção. Até demais para o gosto dele. – Eu não estou cursando Letras, e nunca me interessei em ser psicóloga. Existem pessoas mais qualificadas por aqui para ajudar você.

– Talvez você seja a pessoa que cobra mais barato – sugeriu Cal.

– Sei, como se isso fosse um problema para a sua família – revirando os olhos, ela o observava enquanto ele remexia a lata entre os dedos, e pareceu interpretar seu silêncio como um sinal de discordância. – Pensei que vocês fossem cheios da grana. E ele é o reitor. Ouvi dizer que tem todo mundo aqui no bolso, professores, funcionários...

– Quem foi que disse isso? – perguntou Cal, se recostando no assento com um desinteresse fingido, depois tomou um gole da cerveja para disfarçar o fato de que estava vermelho.

Fallon se virou para a janela, e a luz que entrava tornou seus olhos ainda mais claros e exóticos.

– Ninguém me disse, exatamente – explicou. – É um boato que rola pelo campus e no jornal de vez em quando. Ele sempre aparece no noticiário, fazendo caridade, levantando fundos. Ele não está ajudando na campanha de um político local?

– Quem é você, a presidente do fã-clube do meu pai? – Cal deu mais um gole na cerveja, mas não sentiu o efeito de dormência que esperava. – Você está precisando de um novo hobby, amiga.

Fallon fechou o livro e se inclinou sobre ele, com seus olhos claros se alternando entre o rosto de Cal e a lata de cerveja.

– Como foi que você veio parar aqui?

Da mesma forma como perdeu o interesse no trabalho que estava fazendo, ele perdeu o interesse na cerveja, e se recostou no assento, mexendo no anel de formatura da mão esquerda.

– Como assim, aqui nesta cadeira? – ele perguntou. – Ou aqui na faculdade?

– Me diga você.

– Stanford me rejeitou. Princeton também – ele respondeu.

– Não consigo entender por quê – ele a ouviu resmungar, ou pelo menos pensou ter ouvido. Falando mais claramente, ela complementou: – O dinheiro e a influência do papai não foram suficientes? Quer dizer, por aqui você poderia se dar muito bem, e não é isso que está acontecendo.

Ai, ai. Cal a encarou, e continuou olhando para ela até forçá-la a virar para o outro lado. Qual era a dessa menina?

– Bom, respondendo à sua pergunta, eu estou aqui, na faculdade e na cadeira, porque meu pai é o reitor, como você fez questão de me lembrar – Cal respondeu com um sorrisinho ácido. – Ele usa o dinheiro e a influência em benefício de si mesmo, mas por causa disso eu acabo sendo mais cobrado do que deveria.

– Está falando sério? Fiquei sabendo do que aconteceu na aula da professora Reyes. Qualquer outro aluno seria suspenso ou expulso. Eu diria que fazer aulas particulares é uma punição bem leve – rebateu Fallon, antes de complementar em um tom mais baixo: – Foi muita sorte sua.

O que ele poderia dizer depois disso? Que na verdade não nasceu em berço de ouro? Ele se afastou da mesa e se levantou, olhando pela janela do quarto, que dava para a área central do campus. Fallon tinha conseguido um quarto só para si no alojamento Jeffrey, o que para alguém do segundo ano era tão comum quanto ser atingido por um raio e por um cometa no mesmo dia. Cal tirou a cortina barata da Ikea da frente do vidro, estreitando os olhos para encarar a dolorosa luz do sol para ver os estudantes circulando entre uma e outra aula.

Devon Kurtwilder e seus amigos estavam disputando uma partida de lacrosse improvisada no gramado do alojamento de Cal, o Brookline. Parecia uma coisa saída de um catálogo da Abercrombie & Fitch, com direito a barrigas saradas e cabelos propositalmente desarrumados.

Se pelo menos ele pudesse ter umas aulinhas com Devon...

Cal também viu seus amigos Micah e Lara sentados embaixo de uma árvore não muito distante da partida de lacrosse. Um dos amigos de Devon passou a bola para um companheiro, mas errou o alvo, quase acertando a cabeleira espessa e escura de Lara. Micah ficou de pé imediatamente, praguejando contra o grupo de jogadores. Cal pensou que a gritaria fosse acabar se transformando em pancadaria. Mas então viu seu pai atravessando o caminho de cimento que cortava o campus. Roger foi até o

gramado, se colocou entre os brinquentos e disse alguma coisa para Micah enquanto folheava os papéis de uma pasta parda. Os jogadores se afastaram e retomaram a partida, mas Roger continuou folheando a pasta e gritando com os amigos de Cal. Qualquer que fosse o motivo, foi suficiente para fazer Lara recolher suas coisas e sair dali às pressas.

Cal torceu para que Micah não estivesse encrencado – ele não podia se dar a esse luxo. Seu colega de quarto teve uma vida atribulada antes de entrar na faculdade, mas estava se esforçando para ser um bom aluno. Na verdade, Micah se transformou em uma espécie de cidadão modelo da NHC que Cal nunca conseguiu ser. Mas antes disso foi preciso uma ajudinha de Roger e uma entrevista com o conselho de admissão para que seu histórico fosse varrido para debaixo do tapete e ele pudesse se matricular. Pelo menos foi isso que Micah falou. Para Cal, parecia uma história fantasiosa. Ele não conhecia aquele Roger que ajudava as pessoas.

Se fosse verdade, deve ter sido a coisa mais generosa que seu pai já fez por alguém.

Cal se afastou da janela com uma risadinha nervosa. Havia muito mais que um pedaço de vidro o separando de Micah e seu pai.

– Até tu, Micah? – ele perguntou em voz alta.

– Podemos voltar a falar do livro, por favor? – Fallon perguntou, bufando e se virando na cadeira. Ela prendeu os cabelos cacheados em um coque meio caótico, apertando o elástico com tanta força que ele fez até uma careta. – Ou eu vou ter que fazer o papel de terapeuta também?

– Meus melhores amigos na faculdade estão namorando – contou Cal, como se isso explicasse tudo. Ele ainda fazia questão de fazer essa distinção. Seus melhores amigos *na faculdade*. Só não sabia por quê. Seus amigos de Greenport não queriam mais saber dele. Estavam ocupados planejando seus futuros brilhantes como senadores e governadores enquanto estudavam em Yale, Harvard etc. – Não que a coisa vá durar. Lara vai acabar percebendo que Micah é careta e sem graça, e isso será o fim. Ela diz que finalmente está interessada em um cara sério, mas eu sei que só está falando da boca para a fora.

– Careta e sem graça? – Fallon soltou uma risada um tanto amarga e desviou os olhos do livro. – Ouvi dizer que ele tem antecedentes criminais.

– Ai, meu Deus. Foi por *roubo*. E quando estava no colégio. Ele não matou ninguém nem coisa do tipo!

Mas, na verdade, Cal havia ficado intrigado quando conheceu Micah e ficou sabendo a respeito do passado dele, no ano anterior. Afinal, não é muito comum encontrar um aluno brilhante e bem-educado de cidade pequena com antecedentes criminais.

– Eu sempre gostei da Lara – Fallon respondeu baixinho, e talvez com uma pontinha de decepção. – Nós fizemos algumas aulas juntas no primeiro ano. Ela levava uma garrafa térmica de ursinho para a classe todos os dias.

– Pois é, ela carrega aquela coisa para todo lugar.

Fallon parecia saber um bocado de coisas sobre seus amigos, apesar de ele nunca tê-la visto falando com os dois. Por outro lado, o campus do NHC era pequeno. Ele provavelmente conhecia metade dos alunos de seu ano pelo nome.

Cal passou os dedos pelas lombadas dos livros da prateleira de Fallon. Alguns gibis chamaram sua atenção em uma das pontas. Ele deu uma risadinha e pegou um deles.

– Carinhas com roupas colantes roxas, é? Muito bom gosto.

– Você pode pegar emprestado se quiser – Fallon respondeu, fechando o livro, resignada. – Mas acho que seu pai me mataria se soubesse que estamos lendo gibis. Você precisa estudar, Cal.

– *O fantasma* – Cal leu em voz alta com um sorrisinho, ignorando o que ela disse. – O espírito ambulante! Ui, que assustador! Mas a roupinha roxa meio que estraga tudo, não acha?

– Sério mesmo, pode pegar. Acho que você vai gostar. É sobre um menino mimado de família rica que se aproveita de sua situação privilegiada para combater o crime na selva. Talvez isso sirva para você

aprender alguma coisa sobre aquilo que nós plebeus chamamos de *responsabilidade*.

– Ah, eu sei tudo sobre responsabilidade. Meu pai fica me falando sobre isso desde que eu nasci. Uma pena para ele que não tenha nenhum poder sobre mim – Cal folheou mais algumas páginas de *O fantasma*. – Enfim, acho que não é uma boa ideia me espelhar em um cara de *collant* roxo.

– Eu disse que você ia gostar, não que era realista – Fallon se juntou a ele ao lado da estante. Estava usando uma calça jeans larga e uma camiseta cinza com uma estampa de lobo e um bracelete de cota de malha que parecia saído de um brechó barato de uma feira temática medieval. Ela parecia ser do tipo que frequentava esses lugares. – Mas você tem razão, é melhor se preocupar com outras coisas.

– Não, parece ser legal. Acho que vou levar – respondeu Cal.

Fallon deu de ombros, mas ele viu um sorrisinho por trás de sua pose de indiferença.

– E então, o que mais você precisa fazer para convencer seu pai de que agora vai andar na linha?

– Bom, para começar vou ter que ajudar a organizar as tralhas guardadas no porão do Brookline – Cal respondeu com um grunhido, sentindo seu humor oscilar só de pensar na ideia. – De repente eu consigo convencer a professora Reyes de que não suporto tanta poeira, por causa da minha saúde frágil – ele falou, pegando a mochila onde estavam seus livros. – Enfim, obrigado pelo gibi.

– Sem problemas. Ei, Cal?

Ele interrompeu a caminhada até a porta e virou a cabeça para olhá-la.

– Eu, hã, entendo um pouco de computadores. Se o seu pai continuar no seu pé, posso tentar entrar no e-mail dele. De repente você consegue alguma coisa para fazer com que *ele* vire o alvo, só para variar um pouco.

Cal soltou uma risadinha, mas se interrompeu quando percebeu que ela estava falando sério. Não era má ideia, mas ele ainda não estava desesperado a esse ponto.

– Obrigado. Eu vou me lembrar disso, mas não posso pagar o mesmo que meu pai está oferecendo. Na verdade, não posso pagar nada.

– Qual é... Sendo bem sincera com você, o seu pai parece ser um puta de um babaca – respondeu Fallon, indo se sentar à mesa. Ela pegou um pen-drive e começou a movê-lo entre os dedos. – E, acredite ou não, eu sei como é ter uma família pegando no pé. Posso fazer isso como um favor. Não significa que vamos ser amigos nem nada do tipo.

– Claro que não.

Cal parou na porta, enfiando o gibi na mochila e dando uma piscadinha.

– Obrigado pela proposta. Vou pensar a respeito depois de terminar meu ensaio sobre a reelaboração pós-colonial e pós-moderna de *Jane Eyre* feita por Rhys.

Antes de fechar totalmente a porta, ele conseguiu ver a expressão perplexa no rosto dela.

– Que foi? Eu tenho ouvidos. Sou capaz de entender *algumas* coisas.

Fallon sorriu e enfiou uma caneta atrás da orelha.

– Você quase me enganou.

CAPÍTULO

3

Porão do Brookline. Sete em ponto. A profa. Reyes vai abrir a porta.

Cal olhou feio para seu celular e para a mensagem irritante que brilhava diante de seus olhos. Aquela informação não era novidade. Roger já tinha mandando as informações por e-mail naquela manhã. Ele achava mesmo necessário policiar cada passo seu?

Pare de se preocupar tanto comigo, você não tem mais muitos cabelos para perder, Cal começou a digitar, mas mudou de ideia e jogou o celular sobre a cama. Ele e Micah dividiam um quarto no Brookline, o que quase o levou a se candidatar para uma fraternidade, só para conseguir um lugar melhor. Os dois foram parar ali quando decidiram ser colegas de quarto no último momento possível do ano anterior, mas ironicamente Micah quase não ficava por lá, já que não desgrudava mais de Lara. Mas isso era de se esperar – as coisas entre Micah e Lara dariam certo por um tempo, e durante esse período ele desapareceria. Em seguida ela terminaria com ele, ou o contrário, e Micah ficaria na fossa, ouvindo música country em sua escrivania, obrigando Cal a sair do quarto e ir para qualquer outro lugar, literalmente.

Cal ficou olhando para a cama vazia e arrumada de Micah. *Vocês dois fazem muito mal um para o outro. Tratem de perceber isso logo.*

A privacidade, por outro lado, era boa. Cal se virou de novo para seu computador e para o documento aberto na tela. Ele só tinha escrito seu nome e TÍTULO A DEFINIR, além de um subtítulo bem longo que pretendia transformar em um trabalho nos próximos momentos: “A decadência rumo à loucura e as promessas culturais não cumpridas – a verdadeira causa da decadência da saúde mental de Antoinette em *Vasto mar de sargaços*”.

Não era ruim, mas era *tudo* o que ele tinha. E um subtítulo bombástico não era suficiente para evitar sua reprovação. Cal soltou um palavrão e fechou o documento. Em seguida, seu mau humor o levou diretamente para o frigobar do quarto. Estava cheio de cerveja, como sempre, mas dessa vez não sentiu nenhuma empolgação ao se agachar diante das latinhas reluzentes. Ele sabia que, se enchesse a cara naquele momento, mostraria de uma vez por todas que não estava nem aí para seu pai.

Em vez disso, ele bateu a porta do frigobar e abriu a janela. Talvez um pouco de ar fresco ajudasse a estimular seus talentos acadêmicos.

As janelas do Brookline eram as mesmas desde os anos 1960, quando o prédio funcionava como um manicômio. A faculdade tinha aberto e fechado o alojamento várias vezes, com promessas de reformas que nunca se materializavam. O lugar parecia um sarcófago. A janela rangeu quando Cal a empurrou, e uma lufada de ar úmido entrou no quarto. O time de lacrosse estava no gramado outra vez – ou talvez não tivesse nem saído de lá –, e os risos dos jogadores soavam como uma música distante.

– Ei! Kurtwilder! Estou livre aqui, cara! Passa pra mim!

Cal ouviu essas palavras como se fossem parte de um sonho. Ele não estava totalmente presente ali – era como se estivesse observando o mundo a partir de um outro plano, como se a cena que se desenrolava diante de si fosse visível, mas não tangível. Ele se imaginou dizendo aquelas frases em voz alta – para Micah, talvez, ou para Lara – e ouvindo o quanto pareciam absurdas. Seus amigos provavelmente iriam correndo procurar um dos orientadores do campus, que por sua vez diria que ele estava deprimido. *Aqui, tome este remedinho.*

Talvez isso ajudasse, ele pensou, se inclinando sobre a janela aberta. Ele se perguntou se os comprimidos tornariam a barreira entre ele e o restante do mundo mais estreita ou ainda mais espessa. Cal não sabia qual opção era a mais assustadora.

De onde estava, ele só conseguia ver o cursor piscando na tela. À espera. Contando os segundos que ele desperdiçava pensando sobre nada. Ele podia largar tudo. Essa seria uma das formas de lidar com a situação. Talvez ele pudesse ligar para sua mãe, ouvir o que ela tinha a dizer. Ela era uma pessoa gentil, ao contrário de Roger. Mas também não era exatamente um modelo a seguir, já que boa parte de sua gentileza se devia a doses elevadas de tranquilizantes e vodca.

Cal olhou para o relógio. Seis e meia.

Meia hora. Ele era capaz de se sentar e estudar por meia hora, com certeza. Ele voltou para sua cama, onde o livro sobre o qual precisava fazer o trabalho estava aberto, com post-its nas páginas com as passagens que Fallon destacou para ele. Cal deitou na cama e pegou o livro, se acomodando de costas e dobrando os joelhos.

– “Existem sempre duas mortes” – ele leu – “a real e aquela que as pessoas conhecem”.

Quando enfim estava conseguindo mergulhar na história, seu celular vibrou, fazendo com que ele se sobressaltasse e derrubasse o livro sobre a cabeça. Irritado, afastou o livro com o cotovelo e pegou o telefone.

Sete em ponto, Cal. Estou falando sério.

– Minha nossa, Roger, eu já entendi.

É como se ele pudesse sentir minha procrastinação à distância. O superpoder mais patético de todos os tempos.

Com um grunhido, Cal guardou o telefone no bolso e foi pegar sua mochila e seus sapatos, um par de docksides gastos que ganhou de seu primeiro namorado no colégio. Bom, na verdade Cal havia roubado aqueles sapatos, e Jules não teve coragem de pedir de volta. Ele os usaria até ficarem esburacados, e então encontraria alguém para consertá-los.

Os corredores do Brookline estavam vazios. Ninguém gostava de andar por ali depois de anoitecer. A maioria dos alunos ia para a biblioteca ou para a academia depois do jantar, e outros iam para algum ensaio ou grupo de estudos. Mesmo nas horas mais movimentadas do dia, aquele alojamento nunca parecia um lugar animado. Movimentado talvez, mas animado não.

Havia motivos para isso, como boatos assustadores sobre o que acontecia nos velhos tempos do Brookline, quando o lugar ainda era um manicômio, e não mais um prédio histórico em um campus composto por prédios históricos. Até onde ele sabia, era quase tudo conversa fiada, historinhas de Dia das Bruxas para assustar calouros e candidatos a uma vaga na faculdade. Ele não fazia nem ideia do que poderia haver no porão, que era trancado a chave. As antiguidades mais valiosas e os arquivos mais importantes já deviam estar guardados em um lugar mais seguro, não?

Cal começou a assobiar enquanto descia as escadas, determinado a não arrastar seu mau humor noite adentro. Aquilo era para ser um castigo, mas ele encararia de outra forma. Caso se esforçasse um pouquinho, poderia até acabar se divertindo, talvez desencavando uma história bacana para Lara usar em um de seus trabalhos de arte. Boa parte deles eram sobre fatos históricos esquecidos.

Ele chegou ao térreo e continuou descendo, passando por uma entrada escura e sombria que nunca teve a curiosidade de atravessar. Algumas vozes chegavam até ele de um ponto mais à frente. Cal passou por um quadro de vidro com alguns recortes de jornais e em seguida virou à direita, sendo obrigado a deter o passo subitamente para não esbarrar nas costas de alguém.

– Ah, nosso quinto integrante chegou – a professora Reyes esticou o pescoço para desviar os olhos da

barreira humana parada diante de Cal.

A barreira humana se virou, e Cal ficou paralisado, contorcendo os dedos do pé dentro dos docksides. Era Devon. O craque do lacrosse com corpo de deus grego. Devon Kurtwilder, ainda suado por causa do jogo improvisado no gramado.

– Certo, então já estão todos aqui – a professora Reyes continuou. Estava toda vestida de preto, e coberta com um xale da mesma cor, com lantejoulas brilhantes. Havia mais de uma dezena de colares pendurados em seu pescoço. – Vamos descer, e enquanto isso eu vou explicando as regras.

– As regras? – repetiu Cal.

Ele não reconheceu as outras duas alunas, mas pareciam mais velhas, talvez do terceiro ou quarto ano. Seu pai havia comentado que se tratava de “um grupo de muita sorte”, escolhido a dedo pela professora para descer ao porão e catalogar as coisas que encontrassem por lá. Era um comitê exploratório, segundo suas palavras, e parecia algo oficial e inteligente demais para Cal ter sido incluído por seus próprios méritos. Então ele era só um acompanhante de luxo. Que maravilha.

Devon o ignorou, estourando uma bolha de chiclete e se voltando de novo para a professora. Sua camisa cheirava a grama fresca e suor.

A professora enfiou a mão em um dos muitos bolsos de sua roupa e retirou de lá um enorme chaveiro que parecia um artefato saído de Hogwarts. Ela observou cada um dos alunos com seus olhos escuros e atentos, balançando a cabeça de forma solene.

– Existem regras para descer, Cal. As regras do porão. As regras do Brookline. O que vamos encontrar por lá não são apenas memórias e poeira. Existem instrumentos perigosos também, apesar de enferrujados. Por isso temos regras e, se você as seguir, não vamos ter problema nenhum.



CAPÍTULO

4

Cal detestou o porão.

– Vocês costumam descer aqui sempre? – murmurou.

Parecia fundamental falar baixo, como se as sombras que se espalhavam fora do foco da lanterna da professora pudessem de repente ganhar vida.

– É um processo delicado, começar a catalogar e separar o que existe no Brookline – a professora Reyes explicou do ponto mais adiante onde estava. As paredes se estreitaram quando eles chegaram a uma segunda porta, com uma janela de vidro que dava para uma espécie de saguão. Ela usou uma chave para destrancá-la também. – Eu só me sinto confortável trazendo os estudantes mais qualificados aqui.

Ele não deixou de notar a ênfase posta na palavra *qualificados*. Ela não pareceu muito convencida ao dizê-la.

– De onde você tirou esse calouro? – Devon Kurtwilder questionou.

Ele estava logo à frente, e Cal quase esbarrou em suas costas de novo quando o grupo parou para esperar que ela destrancasse a outra porta.

– Segundanista – Cal corrigiu, irritado.

– O sr. Erickson é... um caso especial. Por ora ele vai só observar e aprender algumas das técnicas de preservação que usamos – a professora Reyes explicou. – Uma mente curiosa é sempre bem-vinda.

– Pff. *Erickson* – Devon se virou e o encarou com seus olhos verde-escuros. – Agora entendi.

Cal nem tentou se defender. Ele sentiu um nó na garganta – por causa da poeira, explicou a si mesmo, não da humilhação. A porta se abriu com um ruído seco e repentino, e Cal teve um sobressalto. A professora Reyes manteve a porta aberta para as duas meninas e para Devon, mas segurou Cal pelo cotovelo da camisa xadrez quando ele passou.

– Você terá que aguentar um pouco o Devon – ela sussurrou, mas seus olhos e seu tom de voz não pareciam nada amenos. – Ele, Maria e Colleen tiveram que preencher diversos pré-requisitos para participar do primeiro grupo de preservação da memória do prédio. Como você poder ver, eles ficaram um pouco... sentidos.

– Entendi – respondeu Cal, puxando o braço de volta. – E inclusive consigo me colocar no lugar deles. Ei, se isso servir para melhorar o clima do grupo, eu posso voltar lá para cima sem problemas e...

– Boa tentativa. Vamos andando. Estamos perdendo tempo aqui.

Os outros estudantes aguardavam no saguão, com o facho de suas lanternas percorrendo as superfícies empoeiradas de escrivaninhas, mesinhas de canto e cadeiras abandonadas. Parecia que um vulcão havia entrado em erupção e coberto tudo com uma camada espessa de poeira cinzenta. O nariz de Cal estava coçando e seus olhos começaram a arder por causa do ar viciado.

– Maria e Colleen estão acostumadas a trabalhar juntas, então você vai ficar com Devon no quarto três.

Quarto três. Parecia uma instrução bem simples. Cal abriu um sorrisinho para seu novo parceiro de trabalho, mas Devon já estava no corredor que saía do saguão. Cal teve que se apressar para ir atrás dele, sem nenhuma luz que o guiasse.

O quarto três era pequeno, pouco mais que uma cela, com uma luminária de metal pendurada no teto que parecia não ver uma lâmpada fazia tempo. A única janela do recinto estava tão empoeirada que nenhuma luz poderia atravessá-la, nem de dia. O vidro era coberto de grades, onde a poeira se acumulava

em montes de diferentes tamanhos. Era impossível esquecer que estavam em um porão – o frio do subterrâneo atravessava as solas gastas de seus sapatos, deixando-os gelados da cabeça aos pés.

– Então – Devon começou a dizer, distraído, ajoelhando ao lado de uma velha cama enferrujada – as regras...

– Me desculpa por você ter acabado preso aqui comigo – disse Cal.

Ele deixou que seus olhos passeassem pelas paredes imundas e o chão encardido antes de se voltarem de novo para os ombros encolhidos de Devon.

O outro estudante estava remexendo em uma bolsa de couro, de onde tirou um caderno, uma câmera e algumas canetas, além de um par de luvas brancas de borracha.

– Só não encosta em nada, tá bom? Essa é a regra número um para você.

Devon tinha um sotaque bem forte de nova-iorquino, ainda que amenizado pelo tempo passado longe de casa. Cal ficou em silêncio, observando enquanto ele rabiscava alguma coisa no caderno. Em seguida Devon pegou a lanterna e ficou de pé, virando-se a tempo de revelar a professora Reyes ainda parada na porta. Ela se ajoelhou e posicionou uma lâmpada alimentada a bateria sobre um par de hastes de plástico. Parecia ser algo usado para iluminar canteiros de obras à noite.

A lâmpada se acendeu, e Cal levou a mão ao rosto, para proteger os olhos do brilho repentino.

– Boa caçada – disse a professora Reyes, dando uma última olhada para Cal antes de desaparecer de novo.

Boa caçada. Como se alguma coisa boa pudesse surgir de um lugar como aquele.

– Ela estava falando comigo – Devon se apressou em esclarecer. Ele estava mais próximo da cama, removendo o cobertor semidestruído com os dedos enluvados. – Você está aqui só para olhar, por enquanto.

– Obrigado, eu já tinha entendido da primeira vez – Cal cruzou os braços, absorvendo o olhar de aborrecimento que o outro lançou por cima do ombro.

– Ah, que beleza. Um espertinho. Para fazer anotações você serve, pelo menos?

– O que você quer que eu escreva? – Cal perguntou, pegando seu caderno e uma caneta.

Sete e cinco da noite, ele rabiscou. *Preso em uma cela úmida com um gostosão irritadinho. PQP.*

– Aviso quando encontrar alguma coisa – murmurou Devon antes de ficar de novo em silêncio, concentrado em sua tarefa.

Cal gostava muito mais dele daquele jeito. Alto, loiro, com os olhos verde-escuros e o queixo quadrado... Não que isso fizesse diferença. Estava na cara que Devon não tinha a menor chance de ser gay. Pela segunda vez naquela noite, ele sentiu a barreira invisível se erguer ao seu redor. Ele estava sempre olhando tudo de fora, só observando. Um mero observador.

Ora, que bela merda.

Cal se virou para a direita, afastando-se da inspeção rigorosa que Devon fazia da cama. O lugar não se tornou nem um pouco menos sinistro depois de iluminado. A luz evidenciava a cor das coisas, transformando o marrom das paredes em um tom de cinza desbotado. Como isso poderia ser considerado uma atividade relacionada a psicologia, e não arqueologia? O que eles estavam querendo encontrar? Havia uma mesinha encostada na parede oposta à da cama, sem nada sobre sua superfície. O quarto estava vazio, será que ninguém tinha percebido?

Foi então que Cal notou algo que a lâmpada havia revelado. Depois de se certificar de que Devon não estava olhando, ele chegou mais perto da parede. O que chamou sua atenção estava atrás da mesinha, e ele teve que se agachar para ver, encolhendo-se ao lado de uma das pernas bambas do móvel.

Era uma inscrição – uma única linha irregular de texto, entalhada na parede de cimento.

Fantasmas, fantasmas nas sombras, fantasmas na luz, e agora vou me tornar um também

Cal ficou olhando para aquilo por um tempo, quase sem perceber que estava com a caneta e o caderno na mão, já começando a copiar as palavras. A caneta se movia sobre o papel quase por vontade própria. E então ele sentiu uma lufada de ar frio junto a sua orelha esquerda, que logo deu lugar a uma ausência de frio, ou de calor, ou de qualquer temperatura que fosse, como se todo o ar ao seu redor tivesse sido sugado.

Ele sentiu algo. Bem ali. Bem ao lado de sua orelha, vindo de trás... Como se alguém tivesse se inclinado sobre seu ombro, observando o que estava escrevendo. Sua mão tremeu, e a última palavra saiu toda torta, com o *m* final se esticando como se a própria letra tivesse se assustado.

– Olá.

Cal ficou paralisado. Era a voz de um garotinho, suave e curiosa. Ele virou a cabeça para o lado, e por uma fração de segundo viu o rosto do menino ao seu lado. Era bem novinho – nove ou dez anos – e sua expressão era simpática, mas havia algo errado com sua cabeça, que estava um tanto deformada, como se ele tivesse sofrido um acidente.

– Você está aqui para ajudar? Ou também é como eles?

Cal se afastou daquele rosto, daquela voz. Não era só sua mão que estava fora de controle, era o corpo todo. Cal deu um pulo para trás na direção da porta, batendo as costas na parede. Ele precisava sair dali. Mas, no instante em que se mexeu, o rostinho pálido desapareceu, e o calor incômodo do quarto voltou. A luz brilhou com mais força, e Devon... Devon estava olhando para ele.

– Você disse alguma coisa? – murmurou Cal.

Aquele rosto... Aquela coisa... Não estava mais lá, certo? Ou na verdade nunca esteve. Ele esquadrinhou o quarto com os olhos, mas tudo estava como antes.

– Que foi? Você mexeu em alguma coisa? – Devon ficou de pé, se colocando ao lado dele. – Eu disse para você não mexer em nada!

– Eu não mexi! – Cal foi andando na direção da porta, quase tropeçando na lâmpada. – Eu ouvi... você não disse nada *mesmo*? Não é nada legal fazer isso comigo, cara. É bem assustador aqui!

– Professora! – soltando um suspiro, Devon pôs as mãos na cintura e sacudiu a cabeça. – O novato está assustado. É melhor ele sair daqui antes que acabe surtando.

Parecia uma ótima ideia. Cal saiu porta afora, entrando no corredor com passos apressados. Isso não ajudou em nada. Ele nem sabia mais como era respirar ar fresco. Pelo menos estava conseguindo sentir suas mãos de novo, e seus pés, apesar de não conseguir se livrar da sensação de que aquele garotinho estava por perto, de olho nele. Observando-o enquanto ele tentava guardar o caderno e a caneta. Observando-o enquanto ele atravessava o corredor na direção da professora Reyes, que o encarava com a testa franzida.

– Isso é alguma gracinha sua para sair mais cedo? – ela perguntou, chegando perto demais para o gosto dele. – Estou tentando ajudar você, Cal. Tentando ser paciente e colaborar com seu pai...

– Não é gracinha nenhuma – respondeu Cal. Ela não notou que ele estava pálido? Ele estava se *sentindo* pálido. – Eu ouvi alguma coisa. E vi uma pessoa.

A expressão da professora se amenizou, e ela o segurou pelo braço, conduzindo-o de volta para o saguão.

– Você parece estar bem abalado. Tudo bem, pode sair mais cedo hoje. Vá tomar um ar, Cal. Descer aqui pode ser uma experiência bem intensa. Só preciso revistar sua mochila primeiro.

– Tudo bem. Pode pegar – ele estendeu a mão com a mochila para ela. *Desde que eu saia logo daqui.*

Cal observou enquanto ela remexeu em sua mochila, abriu seu caderno, fez uma pausa e o guardou de

volta. Ela segurou a mochila com força e a devolveu para ele.

Do outro lado do corredor, ele ouviu o barulho de uma porta se abrindo. Quando se virou, viu o facho de uma lanterna se aproximar, oscilando pelo corredor. Era uma das meninas. Ela veio correndo em sua direção, ofegante, afastando os cabelos castanhos dos olhos.

– Professora – ela falou, olhando nervosamente para Cal e de novo para Reyes. – No escritório... Acho melhor você vir ver.

Os olhos pretos da professora brilharam na semipenumbra do corredor e ela o dispensou com um gesto.

– Você já pode ir, Cal. Vá tomar um ar, conversar com seus amigos. Mas trate de pôr a cabeça no lugar, porque vai ter que vir de novo amanhã à noite.

Quando ele voltou a se mover, ela já estava desaparecendo do outro lado do corredor.

CAPÍTULO

5

Ele tentou de tudo para conseguir dormir.

Micah não voltou para o quarto naquela noite, então Cal pôde deixar o abajur da escrivaninha aceso durante a madrugada. Ele não conseguia nem fechar os olhos sem ver o rosto daquele garotinho pairando diante de si. Quando se virava de lado, suas costas doíam; quando se deitava de costas, seu pescoço doía... O que estava acontecendo com ele? Cal não acreditava em fantasmas, assombrações nem nada do tipo. Mas ele tinha visto algo. E *ouvido* também. Não acreditar nisso era não acreditar em si mesmo.

Cal saiu da cama, foi até o frigobar e ficou remexendo lá dentro até encontrar uma garrafa pequena de vodca bem no fundo. Ele virou a bebida de uma vez, babando e limpando o queixo com a mão, e em seguida jogou a garrafa em uma embalagem de comida chinesa perto da pia. Pelo menos era reciclável.

Quando voltou para a cama, sua cabeça não estava nem um pouco mais leve. Ele fechou os olhos. Não. O menino estava de volta, observando-o com olhos nada ameaçadores, mas *curiosos*, o que por algum motivo parecia ainda pior.

O pulso de Cal se recusava a desacelerar. Ele se lembrou de ter se sentido assim na última semana do semestre anterior, quando estava tão estressado e pressionado que desistiu de dormir. Ficava só deitado na cama com a mão sobre o peito, sentindo o coração disparado, incapaz de se acalmar, incapaz de desligar seu cérebro. Ele estava assim outra vez, com aquela sensação terrível de não ter controle sobre seu corpo ou sua mente.

Ele se sentou, decidido a usar aquela energia nervosa para ler e fazer anotações. Mas não conseguiu se concentrar. Por fim, desistiu e tirou o gibi de Fallon da mochila. Ficou olhando para as páginas até começar a sonhar.

O menino estava em seu sonho, como um vulto branco e azul que o seguia.

– Você está aqui para ajudar? – o garotinho perguntou. Eles estavam de mãos dadas, andando pelo caminho de cimento que ligava o Brookline ao campus. Cal conseguia ver que estava segurando a mão do garoto, mas não sentia seu toque, seu calor... – Ou também é como eles?

Cal não conseguia responder. Ele não era capaz de controlar suas reações no sonho e, mesmo que fosse, não saberia o que dizer. O menino apontou para os prédios ao redor, que compunham a parte central do campus. Estava tudo em preto e branco, destruído, os edifícios se desfaziam em partículas, como se estivessem se desmanchando pouco a pouco. Além disso, estavam de cabeça para baixo, com os telhados cravados no gramado desbotado.

– Existem sempre duas mortes – continuou o menino –, a real e aquela que as pessoas conhecem.

Quando Cal tentava olhar para ele com mais atenção, o menino desviava o olhar, às vezes contorcendo o corpo de forma pouco natural, revelando a visão fugaz que Cal teve no quarto três.

O restante de seu corpo era só um vulto.

– Tem um... um *homem* associado aos Bandar – disse o menino, apontando para Cal. – Não um homem, na verdade um espectro! Um fantasma! Um fantasma que não morre, que tem séculos de idade...

Cal olhou para o próprio corpo. Ele estava usando um *collant* roxo.

Como assim?

– Ela encontrou uma coisa – a voz do menino era aguda como o de uma criança qualquer, mas com um tom vazio e carregado de tristeza. – Ela encontrou a chave, ela o encontrou, e agora eles nunca vão embora. Nós nunca vamos embora, vamos afundar todos juntos.

O menino parou e o encarou atentamente. Seus olhos eram dois buracos escuros que sangravam.
– Você está aqui para ajudar? Ou também é como eles?



– Cal? – talvez ele ainda estivesse sonhando. Alguém o sacudia pelo ombro com força. – Cal! Minha nossa. Acorda, Cal. Está de ressaca de novo?

– Não. Cala a boca – Cal grunhiu, rolando para ficar de barriga para cima e afastar Micah. – É que... Não dormi bem. Estou estressado. Roger está na minha cola de novo.

– Me lembra de comprar um solvente para ele, então – Micah falou, rindo e se dirigindo ao seu lado do quarto.

Ele se sentou à escrivaninha e observou enquanto Cal lutava para se levantar.

Cal esfregou os olhos inchados e pegou o copo d'água que costumava deixar no criado-mudo. Estava vazio. Ele soltou um palavrão e o bateu de volta no móvel.

– Pode entregar para ele da próxima vez que tiverem uma de suas conversinhas – Cal resmungou.

– Do que você está falando? – Micah questionou, se inclinando para a frente na cadeira.

Ele tirou os óculos, que começou a limpar na barra da camiseta polo. Ele estava tentando deixar crescer um *cavanhaque*? Isso só podia ser coisa de Lara.

– Eu vi você e Roger no gramado outro dia – contou Cal. Ele se levantou da cama com cuidado, levando o copo até a pia para encher com água da torneira. – A conversa era sobre alguma coisa em particular? Como o filho inútil que ele tem?

Micah deu risada e pôs de novo os óculos. O *cavanhaque* o deixava mesmo diferente, mais parecido com o cara durão que Lara certamente gostaria que ele fosse.

– Ao contrário do que possa parecer, Cal, o mundo não gira ao seu redor. A gente estava conversando sobre um programa que ele quer implantar. Parece que tem um pessoal arrumando encrenca com os locais fora do campus. Ele quer que eu fale com eles sobre minhas experiências no reformatório.

– Que engraçado, ele não pediu para eu comparecer à sua palestra.

– Provavelmente porque quer ajudar você pessoalmente – Micah rebateu. Cal percebeu o tom de voz exasperado de seu amigo. – Você sabe que eu não sou fã do Roger, mas, de onde eu venho, se o seu pai está em condições de ajudar, você aceita a ajuda e fica quieto.

– De onde você vem, as pessoas comem *jacarés*, então eu tenho bons motivos para não aceitar seus conselhos.

Micah ergueu as mãos em um gesto de rendição.

– Você é que sabe, cara. Só acho que você está entendendo tudo errado. Vê se aceita a ajuda do Roger. Se você fizer o que ele quer, vai ficar tudo bem entre vocês.

O telefone de Cal vibrou em cima da escrivaninha. Fazendo uma careta, ele o apanhou, já sabendo de antemão de quem era a mensagem.

– Por falar no diabo – ele resmungou.

– Roger?

– Quem mais seria? – ele esfregou as têmporas e apertou o nariz entre os olhos.

Em seguida, lembrou que esse era um dos tiques de Roger, e interrompeu o gesto.

– Você sabe que ele está preocupado, né? – disse Micah, mas Cal não estava escutando de verdade. – Lara e eu também. Você pode conversar com a gente se quiser.

– Certo – respondeu Cal. – Beleza. Valeu.

Na minha sala. Agora. Sei que você só tem aula à tarde, então nada de desculpas.

– Seguirei o seu conselho dessa vez – acrescentou, distraído.

Ele não faria isso, claro, mas era bom saber que havia quem se preocupasse com seu bem-estar.

Cal arrumou sua mochila para o dia de aula e saiu andando pelo campus. Primeiro ele iria até a sala de Roger, em seguida iria para a aula de Econometria Elementar, de que ele até gostava. Depois disso, almoço, e depois a maldita aula de Microeconomia Intermediária. Para encerrar, uma aula particular com Fallon. Pelo menos ele estaria ocupado, o que o ajudaria a parar de pensar no que aconteceu na noite anterior.

A sala de Roger ficava na construção mais bonita do campus, o Middle College, uma mansão do século XIX perto do Pavilhão Wilfurd. As portas eram adornadas por bandeiras com temas acadêmicos e ficavam sempre abertas quando o tempo estava bom. O sino da capela tinha acabado de tocar quando Cal atravessou correndo a entrada de pedra. Uma dupla de meninas do último ano passou por ele, deixando atrás de si um cheiro forte de café.

A iluminação lá dentro parecia cavernosa em comparação com o sol abundante no gramado. Painéis de madeira escura cobriam as paredes do andar superior, adornados com retratos dos antigos reitores até a entrada do corredor que levava aos escritórios. O de Roger era o terceiro, com nome na porta e tudo. Algumas das outras portas eram decoradas com adesivos da faculdade ou recortes de jornal, mas a de Roger era lisa e austera.

Cal bateu, sentindo o nó no estômago habitual.

– Entre.

Respire fundo. Você consegue. Fez a aula particular, foi ajudar a professora Reyes. Está fazendo sua parte. Está fazendo sua parte.

CAPÍTULO

7

Roger estava sentado na beirada de sua enorme mesa de mogno, com o pé estranhamente solto no ar, exibindo uma parte da meia social vermelha. Terno cinza risca de giz. Lenço no bolso. Ele devia ter alguma reunião importante marcada. Ficou observando Cal por um momento, apertando os lábios antes de relaxar de novo.

– Você está deprimido?

Cal piscou algumas vezes, confuso.

– Quê? Sei lá. Acho que sim. E quem não está?

Essa não era a resposta que Roger queria. Ele pegou uma folha de papel de cima da mesa. Sua sala era tão desprovida de personalidade quanto sua porta – o vazio das paredes só era quebrado por alguns pôsteres da faculdade, provavelmente colocados por um dos funcionários, e não pelo próprio Roger.

– Recebi um e-mail da professora Reyes – anunciou Roger, sacudindo o papel. Cal engoliu em seco. – Ela disse que você apareceu na hora combinada, o que é bom, mas “ficou agitado e quis sair mais cedo”. Você pode se explicar?

– Sério mesmo que você precisava imprimir isso? – questionou Cal.

– Eu não vou entrar nesse tipo de discussão hoje. Simplesmente me recuso – ele pôs o papel de volta na mesa e largou as mãos sobre o colo. – O que você quer, Cal?

Não era uma pergunta capciosa nem nada do tipo.

– O que você quer? – Roger repetiu, estreitando os olhos. – Sei que não é me fazer feliz, isso está na cara. Não sei se tudo isso é por causa do divórcio, ou da sua *crise de identidade*, ou simplesmente porque você não tem ambição nem foco, mas preciso saber o que você quer. Pense bem e me responda. O que você quer?

Cal se remexeu na cadeira, olhando para seus docksides. Seria melhor se Roger tivesse gritado, ou lhe dado outro tapa. Ele não sabia lidar com esse lado do seu pai.

– Eu... Eu não sei o que quero, tá bom?

– O pior é que, fosse o que fosse, você conseguiria ter – disse Roger, com um tom de desânimo. – Nós temos como conseguir. *Eu* tenho como providenciar.

Roger ficou de pé, pegando o e-mail da professora Reyes e uma caneta tinteiro de cima da mesa. Ele estendeu a mão para Cal, e esperou pacientemente que ele pegasse o papel e a caneta.

– Por escrito, então. Escreva o que você quer, Cal.

– Como assim, agora?

– Sim, agora.

Minha nossa, que situação embaraçosa. Cal pegou o papel e a caneta e, quando bateu os olhos no e-mail, não conseguiu deixar de notar uma frase em especial: *Se quer que seu filho acorde, você sabe o que fazer.*

Todo mundo achava mesmo que ele não tinha mais jeito? De seu ponto de vista, sua vida não parecia tão ruim, mas talvez ele não fosse a pessoa mais indicada para dizer isso. Fosse como fosse, era uma boa oportunidade para tirar um sarro de Roger, que só poderia estar maluco se pensava que podia simplesmente descobrir em um passe de mágica o que Cal queria da vida. Engolindo em seco, ele estendeu a mão e tentou escrever a sério, ficando surpreso com a facilidade com que as palavras começaram a fluir.

Quero meus amigos de volta. Quero que Devon Kurtwilder repare em mim. Não quero mais ser alguém que só estraga tudo.

Ele estremeceu. Talvez não tivesse sido uma boa ideia. Ele queria mesmo que Roger soubesse *alguma coisa* sobre como se sentia? Roger pegou a caneta e o papel e soltou um grunhido baixinho ao ler. Quando olhou para Cal, pelo menos não estava fazendo cara feia.

– Isso me dá esperança, Cal.

– Eu não posso dizer o mesmo.

Seu pai soltou uma risadinha e guardou o papel em um dos bolsos do paletó.

– O que você está achando de Fallon Brandt?

– Hã? – foi uma mudança de assunto bem brusca. – A menina das aulas particulares?

– Sim, a Fallon. O que você achou dela? – Roger se apurou na mesa outra vez, observando Cal atentamente.

Seja diplomático, seja diplomático, mesmo que seja para dar uma de Micah.

– Ela é... legal, acho. Parece inteligente. Gostei dela.

Onde essa conversa vai parar?

– É uma menina meio estranha, não acha? Não gosto nem um pouco dela. Vive burlando as redes de segurança da faculdade e bisbilhotando. Não deve ser nada, mas não podemos subestimar esse tipo de coisa – Roger ajustou a gravata, e a alisou com as duas mãos. – Ela é uma hacker, Cal. É encrenca certa. Está fuçando nos arquivos da faculdade só por diversão, e eu não estou gostando nada disso.

Seu tom de voz voltou a ficar gelado.

Cal se interrompeu algumas vezes antes de enfim responder:

– Não entendi. Foi você que me mandou até ela. Pensei que fosse para me ajudar no meu trabalho de literatura.

– Sim, quando possível eu sempre prefiro matar dois coelhos com uma cajadada só – confirmou Roger, abrindo um sorrisinho. – Mas agora eu tenho isso – ele acrescentou, batendo no bolso onde guardou as palavras de Cal. – Então agora o plano é o seguinte: você faz uma coisa para mim, e nós providenciamos o que você quer.

Nós?

Cal deu risada. Só podia ser brincadeira, era uma situação absurda demais. Desde quando seu pai estava interessado no que ele queria, em vez de obrigá-lo a obedecer a suas ordens?

– A não ser que você tenha uma forma de controlar a mente das pessoas, isso vai ser meio difícil.

Roger sorriu e se inclinou sobre a mesa para abrir uma gaveta do outro lado. Depois de um momento, tirou lá de dentro um objeto pequeno e reluzente, com uma superfície esverdeada que refletia a luz que entrava pela janela da sala.

– Estamos em uma encruzilhada aqui, Cal – disse Roger, encarando-o com um olhar estranho. Quando olhou para seu pai, Cal não conseguiu se reconhecer nele. Ele não conhecia aquele homem. – Pegue isto aqui e plante em algum lugar do quarto dela. Se fizer isso, as coisas vão ser diferentes. Melhores. Eu prometo.

Cal caminhou de um lado para o outro sobre o chão acarpetado, hesitante. Ele viu o cilindro de vidro na mão de seu pai, e seu coração disparou. Era um cachimbo, e não do tipo que era feito para fumar tabaco. Se pusesse aquilo no quarto de Fallon, ela teria uma encrenca séria nas mãos...

– Ela já tem duas advertências por burlar a rede de segurança da faculdade – continuou Roger, estendendo o cachimbo. Cal olhou para ele, sentindo sua mão coçar. – Se for pega de novo, ela deixa de ser um problema.

– Um *problema*? É assim que você resolve seus problemas? Roger, eu não quero que ela seja expulsa por minha causa – ele rebateu, se sentindo ingênuo, infantil. – Ela *parece* ser legal.

– Claro que parece, Cal. E deve ter parecido ainda mais legal quando pediu sua ajuda para invadir

meu computador.

Cal hesitou e Roger abriu um sorrisinho prepotente.

– Como eu pensei. Ela é encrenca certa. E a última coisa de que você precisa é de mais encrenca – Cal fechou os dedos em torno do cachimbo, mas Roger não o soltou. – Então estou pedindo com educação, mas com *firmeza*, para você vir para o outro lado. Se quiser mesmo fazer o que é melhor para você e a srta. Legalzinha, com certeza vai dizer sim.

Ele soltou o cachimbo, e Cal deu um passo atrás. Seus olhos se voltaram para o bolso de Roger, onde estava sua lista de desejos.

– E se eu não fizer isso? – ele murmurou. Seus lábios estavam dolorosamente ressecados.

– Existem outras pessoas que no momento estão do lado certo, mas que podem acabar se encrencando rapidinho – seu tom não era mais gelado. Quando se virou outra vez para seu pai, Cal viu seus olhos em chamas. – Micah, por exemplo.

Cal apertou o cachimbo com força.

– Ele passou alguns meses no reformatório por roubo... e daí? Não é nada de mais. Isso não é motivo para expulsar ninguém.

– Roubo? – Roger jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada. – Foi isso que ele contou? – sua risada logo esmoreceu, e seu rosto reassumiu a expressão implacável. – Você é ainda mais perdido do que eu imaginava.

Roger parou de falar, mas Cal se recusou a dar a ele a satisfação de um pedido de explicações.

– Tudo bem – ele respondeu. – Vou fazer as coisas do seu jeito então... Só não quero prejudicar demais a vida da Fallon.

Roger o dispensou com um gesto, virando-se para pegar a caneca de café na mesa. Seu sorriso estava de volta, como se aquela conversa tivesse sido uma transação corriqueira.

– Se preocupe apenas em cumprir a sua parte do acordo, e eu me encarrego da minha – ele respondeu, batendo com o dedo na lista dentro do bolso.

CAPÍTULO

8

Meu velho e gordo pai faz parte da máfia universitária, Cal pensou enquanto se arrastava pelo campus até o quarto de Fallon. Durante o dia todo, o cachimbo ficou pesando em seu bolso como uma âncora, um lembrete incômodo do que ele precisava fazer.

Ele nem *conhecia* Fallon, claro, mas ela parecia ser boa gente. Não era do tipo com quem ele costumava fazer amizade, mas isso não significava que devesse ser expulsa da faculdade. Ele conseguiu absorver algumas coisas que ela falou sobre o livro, e até pegou um gibi emprestado de sua estante.

Aliás, ele acabou esquecendo o gibi em seu quarto. *Droga*. Ele precisava encontrar um jeito de devolver antes que um bedel encontrasse o cachimbo no quarto dela.

Ele passou pelas casas das fraternidades e irmandades espalhadas pela rua que levava aos alojamentos. Cal viu a luz se acender dentro da fraternidade Sig Tau, que ocupava uma casa em um estilo vitoriano tenebroso, com quatro colunas brancas e uma fachada de pedra.

Devon provavelmente estava lá dentro jogando Xbox com seus colegas de fraternidade, contando sobre o novato que se apavorou no porão do Brookline como um bebezão.

Alguma coisa roçou o pulso de Cal. Ele olhou para baixo, esperando ver uma teia de aranha ou uma planta, mas era o maldito garotinho, sorrindo para ele.

O menino estava segurando sua mão.

Cal soltou um suspiro de susto e afastou seus dedos de algo que parecia ser absolutamente nada.

O espectro do garotinho desapareceu, deixando para trás um sopro frio em sua pele. Minha nossa, e ele precisaria voltar para aquele porão em – ele deu uma olhada no relógio – apenas três horas.

Mas antes disso havia Fallon.

Cal apertou o passo para chegar até o Jeffrey. Ele usou a entrada mais próxima, passando por um cara que fumava na porta e não facilitou em nada sua passagem.

Havia elevadores no saguão principal, mas Cal decidiu ir de escada. Seus passos ecoaram pelos três andares, e uma música suave escapava pelas paredes. Alguém estava praticando violino em um dos quartos.

Ele bateu na porta do quarto de Fallon logo abaixo do quadro de recados. Ele viu que alguém tinha deixado uma mensagem com caneta marca-texto verde.

Oi, Fal, passei por aqui. Saudade, gata. Dá uma olhada no subreddit, ok? Holly

E, acima disso, havia um aviso: Entrada permitida apenas para farra.

Cal bateu de novo, chegando mais perto da porta.

– Eu não vim cair na farra, mas a gente tinha uma aula marcada.

Ele ouviu o trinco ser destravado, e a porta se abriu um segundo depois. Fallon não o cumprimentou, então ele foi entrando, soltando um suspiro e deixando a mochila cair sobre o braço. Aquela coisa devia estar pesando uns vinte quilos com tantos livros lá dentro.

O quarto estava com um cheiro forte de incenso, o que era proibido, mas Cal já sabia que aquela garota não tinha o menor interesse em cumprir regras.

– Sândalo? – ele perguntou, apontando com o queixo para o palitinho marrom que queimava perto da janela aberta. Ela usou uma lata de refrigerante vazia como porta-incenso. – Está tentando esconder alguma coisa?

– Tipo o quê? – Fallon perguntou com uma expressão vazia.

– Esquece.

Ela já havia aberto os livros e os cadernos para os dois estudarem. Cal se juntou a ela na escrivaninha, sentando-se com um grunhido.

– Teve um dia difícil? – ela perguntou.

Estava usando um vestido de verão azul-escuro por cima de uma calça legging estampada, e um colar de cota de malha em vez de um bracelete.

– Você não faz ideia – Cal pegou seu exemplar de *Vasto mar de sargaços* e seu caderno, e quando abriu deu de cara com a mensagem.

Fantasma, fantasmas nas sombras, fantasmas na luz, e agora vou me tornar um também

Ele fechou o caderno e o escondeu debaixo dos braços.

– Você parece estar meio tenso. Quer uma cerveja? – ela ofereceu, já se encaminhando para o frigobar.

– Tem certeza de que isso não vai atrapalhar?

Fallon encolheu os ombros, bagunçando ainda mais os cabelos soltos.

– Meu trabalho aqui é garantir que você não bombe em literatura. Não preciso fiscalizar o que bebe. Eu tomo uma com você.

Pare de ser simpática, você só está dificultando as coisas.

– Consegui um bom começo para o meu trabalho ontem à noite – Cal mentiu, abrindo sua cerveja. Estava bem gelada e, ele era obrigado a admitir, ajudou a conter o frio na barriga que sentia. – Obrigado. Acho que você está me ajudando.

– Milagres acontecem – ela brincou, erguendo sua lata em um brinde. Em seguida ela começou a folhear seu exemplar do livro, procurando o local onde haviam parado. – Seu pai continua pegando no seu pé?

Mais perguntas sobre Roger. Talvez seu pai tivesse razão sobre ela, e sua atitude amigável fosse só fingimento. Cal encolheu os ombros, olhando ao redor do quarto, procurando por um lugar para esconder seu contrabando.

– Sabe aquele porão do Brookline?

Dando mais um gole na cerveja, Fallon balançou a cabeça e pegou uma caneta, batucando no livro aberto diante de si.

– Você teve que descer até lá, né? Como foi?

– Nojento. Empoeirado. Deprimente.

– Não é um bom lugar para dar uns amassos? – Fallon sorriu e abriu sua lata, produzindo o ruído bem característico. – Então vou riscar da minha lista.

Cal ficou vermelho.

– Ah, eu... não faço isso com garotas.

– E eu não faço isso com garotos – ela deu uma piscadinha amistosa, e o frio na barriga dele voltou.

Ele precisava se distrair, caso contrário ia acabar contando sobre os planos de seu pai.

– Tem uma parte do livro que gostei bastante... – Cal revirou freneticamente suas anotações. – Essa frase: “Existem sempre duas mortes, a real e aquela que as pessoas conhecem”.

Fallon balançou a cabeça, e seus olhos azuis pareceram distantes.

– Ah, sim. A minha favorita sempre foi: “Espante a lua, recolha as estrelas. Amor no escuro, pois a escuridão virá em breve, muito em breve”.

– Você sabe de cor? – Cal questionou, impressionado.

Ela estremeceu e voltou sua atenção para o livro.

– Algumas coisas ficam marcadas na nossa mente, sabe?

Cal passou a mão em seu caderno. Ele sabia muito bem disso.

Ele enfiou a mão no bolso e posicionou o cachimbo um pouco mais longe de seu alcance. Aquilo permaneceria escondido, como deveria, e Fallon continuaria no NHC, onde deveria.

CAPÍTULO

9

Cal estava orgulhoso por só ter precisado de mais duas cervejas para criar coragem de manter seu compromisso com a professora Reyes e os demais. Ele chegou no horário, e bem disposto, levando sua própria lanterna.

Hoje eu não vou mexer em nada nem olhar com atenção para nada, ele prometeu a si mesmo. *Vou ficar parado observando o que Devon está fazendo – o que não é uma maneira nada ruim de passar o tempo – e mais nada.*

O problema era que faltava uma pessoa quando ele chegou – e justamente Devon.

Era só uma coincidência, ele garantiu a si mesmo. Devon era um atleta – devia ter distendido um músculo na academia, ou levado uma pancada em um treino.

– Onde está o Devon? – ele perguntou, enfiando as mãos nos bolsos, olhando para as garotas e depois para a profa Reyes.

Cal deixou o cachimbo no quarto, trancado em um cofre debaixo da cama.

– Infelizmente, parece que Devon não vem – a professora Reyes lamentou com um suspiro – e, como você estava sob supervisão dele, está dispensado por hoje, sr. Erickson.

– Ah – ele respondeu sem se alterar. – Que pena.

– Sim. Dá para ver que você está *arrasado*.

– Eu vou nessa, então...

– Espero você amanhã, no horário de sempre – a professora pegou o chaveiro e deu as costas para ele. – Meninas, hoje eu quero começar pelo escritório. Se encontrarem mais alguma menção ao menino, tragam para mim. Não precisam tirar cópia de nada, tragam o original mesmo.

Cal só soltou seu suspiro de alívio depois de começar a subir as escadas. A ausência injustificada de Devon era estranha, mas provavelmente não era nada. O alívio de Cal, porém, só durou até ele voltar ao quarto.

Dava para ouvir a comoção do outro lado da porta.

– Isso é MENTIRA.

Micah. Ele não grita. Ele nunca eleva o tom de voz. Isso era...

– Quem contou para você? – ele gritou outra vez. – Quem foi?!

Cal abriu a porta com cautela, temeroso de que algo voasse em sua direção caso entrasse de forma súbita demais. Seu colega de quarto estava andando de um lado para o outro, segurando o celular com força na mão, como se quisesse esmigalhar o aparelho.

– Não dava nem para dizer pessoalmente? Precisava mandar uma porra de uma mensagem de texto?

Cal ouviu uma voz aguda e frenética do outro lado da linha. Uma voz de mulher. Ele entrou no quarto, sentindo seu pulso se acelerar ao se dar conta do que estava acontecendo. Eles estavam brigando, rompendo o relacionamento de novo, porém mais cedo do que ele imaginava. Em geral costumava durar algumas semanas...

– Eu não sou mais essa pessoa – Micah falou, um pouco mais calmo, mas ainda ofegante e desesperado, como Cal nunca tinha visto. – Eu não sou mais essa pessoa.

Por fim, Micah notou a presença de Cal, e o encarou com o rosto molhado de lágrimas.

– Está tudo bem? – Cal perguntou baixinho.

– Preciso desligar – Micah falou ao telefone, e atirou o aparelho com força na cama.

O telefone quicou no colchão e parou em cima do travesseiro.

– Ela terminou comigo – ele anunciou em um sussurro, olhando para o chão como se nunca tivesse visto aquele piso antes. – De novo.

Na manhã seguinte, o cavanhaque tinha sumido.

CAPÍTULO

10

Estou decepcionado, Cal.

Três palavras simples. Os dedos de Cal pairavam sobre o telefone, mas ele não sabia como responder. Não havia plantado o cachimbo, e só restava torcer para que Roger não estivesse falando sério sobre o que aconteceria caso ele falhasse.

Só preciso de mais tempo, Cal enfim respondeu.

Era mentira. Ele não ia fazer nada. De alguma forma, precisava dar um jeito na situação. Teria que ir até a sala de Roger e desfazer o acordo, prometer se comportar melhor, *melhorar* de verdade sem nenhum tipo de suborno ou ameaça.

O que quer que estivesse acontecendo entre Fallon e Roger, isso era problema deles. E, de verdade, ele desejava toda a sorte para Fallon. Talvez ela conseguisse alguma coisa nos e-mails de Roger que o pusesse na defensiva.

Cal pôs o celular sobre a cama. O sol da manhã começava a se insinuar entre as cortinas, e ele pôs a mão sobre um pedaço do colchão iluminado pelos raios solares, sentindo o calor em sua pele – uma sensação bem diferente do toque do garoto em sua mão.

Ele estremeceu. O sonho tinha se repetido. Dessa vez o menino estava com ele no Brookline, conduzindo-o até a porta que só podia ser aberta com as chaves da professora.

– Vá em frente – o menino falou, apontando para a porta. – Vá em frente, fantasma que anda, vá em frente.

Isso era tudo que Cal conseguia lembrar. Ele cumpriu sua rotina matinal de forma meio desordenada, saindo sem escovar os dentes enquanto Micah ainda ressonava na cama. Cal mandou uma mensagem para Lara perguntando se ela estava bem e recebeu uma resposta imediata, apesar de negativa.

Ele tinha seus amigos de volta, mas não da maneira como gostaria.

Suas aulas naquele dia eram poucas, o que era bom, considerando sua dificuldade em se manter acordado mesmo depois de beber um energético. Depois da última aula, ele tinha seu último horário marcado com Fallon antes de entregar o trabalho sobre o livro.

Atravessou correndo a rua das fraternidades e irmandades até o alojamento de Fallon. As nuvens escuras que vinham se juntando durante todo o dia pareciam prestes a se romper, e ele não queria chegar lá molhado, além de exausto, confuso e estressado.

Ele verificou uma única vez antes de subir, e ficou surpreso ao não ver nenhuma reação irritada de Roger a sua mensagem de texto. Roger não era do tipo que aceitava o fracasso em silêncio.

Franzindo a testa, Cal desviou os olhos do celular e viu que não era o único visitante de Fallon. Uma menina baixinha de cabelo azul estava parada diante da porta. Um lado de sua cabeça era raspado, e o restante dos cabelos estava preso em um rabo de cavalo sobre a nuca. A camiseta que usava era grande e larga demais, mostrando o sutiã rosa de renda por baixo.

Ela se virou e mediu Cal de cima a baixo.

– Que foi, bonitinho? Veio atrás da Fal também?

– Eu faço aula particular com ela – ele respondeu, franzindo os lábios. – Quem quer saber?

– Holliday – ela estendeu a mão.

De tão clara, sua pele era quase transparente. Havia um anel em cada um de seus dedos. Um deles

inclusive parecia ter um compartimento onde ela podia esconder coisas.

– Cal – ele respondeu enquanto apertava sua mão, sentindo seus dedos frios como gelo. – A Fallon não está?

– Não. Não está respondendo e-mails, nem atendendo ao telefone – Holliday estremeceu de leve, pondo a mão espalmada na porta de Fallon. – Fal não faz esse tipo de coisa. Ela não se isola assim, não sem falar comigo primeiro.

Ai, merda.

– Ela pode ter ficado presa na aula – Cal sugeriu. – O sinal do celular é uma porcaria dentro das classes.

– É uma porcaria aqui também, mas o telefone dela é modificado. Enfim, eu nem sei por que estou falando isso para você, bonitinho. Só me avisa se encontrar com ela, certo?

Holliday o puxou pelo braço com uma força surpreendente, e anotou seu telefone no antebraço dele com uma caneta preta.

– Ei – ele puxou o braço de volta. – Você podia ter pedido minha permissão primeiro.

– Sei. Então, se ficar sabendo de alguma coisa, me manda uma mensagem – Holliday se afastou e olhou para a porta de Fallon uma última vez antes de sair andando pelo corredor.

Se eu ficar sabendo de alguma coisa. E se na verdade eu já souber?

Cal quase mandou uma mensagem para Roger avisando que sua aula particular teve que ser cancelada, na esperança de obter uma reação de surpresa. No entanto, ele tinha uma forte suspeita de que Roger já sabia. Que havia encontrado outra maneira de resolver seu *problema*.

Não, não, não. Isso não podia estar acontecendo.



Cal não voltou direto para o Brookline. Ele ficou perambulando pelo campus, torcendo para que a situação se resolvesse sozinha e Fallon aparecesse, explicando que tinha caído no sono na biblioteca, ou então que estava na academia. No fim, Cal acabou voltando para o quarto, depois de se convencer de que estava sendo paranoico e de que havia inúmeras explicações perfeitamente lógicas sobre o paradeiro dela.

Quando seu telefone enfim vibrou, uma hora mais tarde, a mensagem não era de Fallon nem de Roger. Era de um número que ele não conhecia. Cal leu a mensagem com uma sensação de que seu mundo estava sendo virado do avesso. Em qualquer outro dia, seria uma surpresa bem-vinda. Mas, no momento, sua reação foi de um silêncio horrorizado.

Oi, é o Devon. De ontem à noite, lembra? Nós começamos com o pé esquerdo. Vamos nos encontrar hoje à noite. Que tal um jantar?

– Como foi que ele conseguiu meu telefone? – Cal murmurou para si mesmo.

Ele piscou várias vezes e limpou o suor que brotou nas têmporas. Certo. Ainda dava tempo de corrigir as coisas. Para começar, precisava devolver aquele cachimbo idiota para Roger. Ele explicaria calmamente que não queria fazer parte de nada daquilo, e que fazer aquela lista tinha sido um erro. Cal não estava mais interessado naquelas coisas – não era mais o que ele queria.

E certamente não iria jantar com Devon. Não naquela noite. Não enquanto não descobrisse o que estava acontecendo. Um clichê idiota, “Muito cuidado com o que deseja”, passou por sua cabeça naquele momento.

– Pois é – ele resmungou, ficando de joelhos para tirar seu cofre de baixo da cama. – Eu sou um idiota, e tudo isso é culpa... minha.

Ele se interrompeu. O cofre estava aberto. Impossível... a combinação tinha seis dígitos. Nem Micah sabia da existência daquele cofre, e eles moravam no mesmo quarto. Cal começou a revirar seu conteúdo, para ver o que estava faltando. Só o cachimbo.

Claro.

– Mudança de planos – ele disse, determinado, mas sentiu que estava ficando vermelho, e o familiar nó no estômago não demorou a se instalar. O telefone em seu bolso vibrou bem alto, e Cal quase caiu no chão de susto. – Minha nossa, você está se descontrolando, Erickson.

Era uma mensagem de outro número desconhecido. Não o de Devon, outro.

Olhe pela janela.

Ele começou a suar para valer, o telefone estava quase escapando de sua mão.

Cal foi correndo até a janela.

Era aquela menina, Holliday, parada no gramado com seus cabelos azuis brilhando sob os postes de iluminação. Ela segurava o celular junto da orelha com uma das mãos, e o cachimbo acima da cabeça com a outra. Em seguida, ela baixou o celular e começou a digitar.

Sentiu falta de alguma coisa?

Para que o telefone? Cal abriu a janela e se inclinou para fora para gritar:

– Como foi que você conseguiu meu número?

Holliday pôs o celular e o cachimbo no bolso, apesar de ele achar que não caberiam na calça jeans apertada. Ela apontou para a janela e saiu andando. Então ela estava subindo. Que maravilha.

– O quarto não está arrumado para receber visitas! – ele gritou.

– E daí?

Cal voltou para dentro e fechou a janela. Ele não confiava nem um pouco em Holliday. Aquela menina esquisita tinha conseguido invadir seu quarto e abrir seu cofre. Devia ser uma hacker, como Fallon.

Seu telefone vibrou em sua mão outra vez, avisando sobre a chegada de mais uma mensagem de Devon.

Cal? Quer sair para jantar? Estou esperando uma resposta sua, cara.

Sim. Não. Droga.

Foi uma experiência quase agradável e libertadora cerrar os dentes e digitar a resposta.

Hoje não, Devon. Quem sabe outro dia.

CAPÍTULO

12

— **A** cabeei de recusar um jantar com o cara mais lindo que já conheci na vida — Cal esbravejou enquanto abria a porta — então é bom você ter um bom motivo para vir aqui.

— Uma correção: o autômato mais lindo que já conheceu na vida — rebateu Holliday, fechando a porta atrás de si. — Toma — ela falou, jogando o cachimbo para ele. — Sabia que isso ia chamar sua atenção.

— Existem jeitos mais fáceis de fazer isso — Cal respondeu, exaltado. — Um telefonema, por exemplo. Ou um e-mail bem educado. Mas, falando sério, como foi que você descobriu a combinação do cofre?

Ela caminhou pelo quarto, olhando para as fotos nas paredes e para os objetos espalhados por ali como se já tivesse visto tudo aquilo milhões de vezes antes. E talvez tivesse mesmo.

— Agora você sabe que não estou de brincadeira.

— Como assim, não está de brincadeira? O que você quer de mim?

— Era o aniversário da sua mãe — revelou Holliday, encostando na janela e cruzando os braços. Ela afastou uma mecha de cabelos azuis da frente dos olhos. — Consegui a informação no seu notebook, que tem como senha o nome do seu músico favorito, que está em um pôster logo acima da sua cama — ela olhou para a foto de Jack Johnson e revirou os olhos. — E que aliás é um saco elevado ao quadrado.

Um saco? Elevado ao quadrado?

— Onde você vive, na Lua?

— Não, na internet — ela abriu um sorrisinho. Havia um piercing entre seu lábio e seu nariz, uma peça pequena, de prata. — E foi lá que consegui seu número. Fal e eu compartilhamos tudo. Quando ela começa a dar aulas para alguém, me passa o telefone da pessoa, para o caso de uma emergência. Só por precaução.

— Vocês fazem isso mesmo? — Cal perguntou, erguendo uma sobrancelha.

Ele não sabia o que fazer com o cachimbo que estava em suas mãos, então jogou em cima da cama e torceu para que não aparecesse nenhum bedel.

— Nós somos meninas, claro que fazemos isso — Holliday revirou os olhos como se estivesse falando a coisa mais óbvia do mundo. — Enfim, ainda não tive nenhuma notícia. Ela sumiu. Está desaparecida. Eu sei que está. E sei que eles estão com ela.

— Eles? — a cada minuto que passava, a situação se tornava mais maluca. Mas, se de fato considerava tudo uma loucura, por que ele estava suando em bicas? — Quem são *eles*?

— Os cretinos que controlam tudo por aqui — respondeu Holliday, pegando seu celular e clicando algumas vezes na tela antes de mostrar para ele. Era uma foto meio borrada, de dois vultos correndo. Estavam vestidos dos pés à cabeça de vermelho, usando o que pareciam ser túnicas, com o rosto virado para o outro lado, se escondendo da câmera. — Eles. Os Scarlets.

— Eles não são só uma fraternidade acadêmica? — Cal já tinha ouvido falar deles, mas apenas por alto.

Pelo que diziam, só os alunos mais inteligentes das “melhores” famílias eram convidados para fazer parte do grupo. Um desses fatores estava ao seu favor, mas o outro não.

— Se é isso que você pensa, então eles estão fazendo muito bem seu trabalho. No começo Fal pensou que você também fizesse parte, mas depois se convenceu que não — informou Holliday.

Ela foi andando até a escrivaninha dele e desabou na cadeira, estendendo o braço para abrir seu notebook. Sem hesitação, ela digitou a senha.

Cal soltou um grunhido, fazendo um lembrete mental para trocar a senha.

– Na verdade estou surpresa por você não fazer parte.

– Talvez eu faça – ele disse com um risinho – e você não saiba.

A cadeira rangeu quando Holliday se virou para encará-lo. Ela ergueu as sobrancelhas finas e pretas.

– Sei, até aparece – ela se voltou outra vez para o computador. – Você não é um Scarlet, mas seu pai sim.

– Meu...? – Cal foi até a mesa e se curvou sobre o ombro dela. – Do que você está falando?

O nó em seu estômago havia se transformado em matéria sólida, um líquido gelado que se expandia e se tornava mais difícil de manter dentro do corpo a cada segundo que passava.

Holliday começou a digitar furiosamente, abrindo o navegador e várias abas.

– Esse cachimbo... era para incriminar a Fallon, né?

Cal hesitou, o que para ela pareceu bastar como confirmação.

– Foi o que eu pensei. A direção está tentando entrar com um processo de expulsão contra mim e Fallon por motivos ridículos já faz dois semestres, e o cachimbo seria a gota d'água para ela. Mas você não o colocou no quarto dela – ela se interrompeu de novo, inclinando a cabeça para encará-lo. Seus olhos eram escuros, quase pretos, e seu queixo era miúdo e pontudo. – *Por que não?*

Cal encolheu os ombros.

– Meu pai falou que Fallon era encrenca certa, que estava hackeando as coisas dele. Mas isso não significa que precisa ser expulsa do campus. Ela devia ganhar uma medalha por isso, pô.

– Ele tem razão. Para ele, Fallon é encrenca certa. Eu também. No ano passado, nossa amiga Michelle ficou esquisita. Tipo, esquisita *mesmo*. A gente pensou que fosse só uma fase, um lance de querer ficar careta, mas aí ela parou de falar e até olhar para a gente. Nem um aceno de longe ela fazia mais, sabe? Era como se a gente não existisse. Então... fomos fuçar nos e-mails dela. Sei que não é coisa que se faça, mas a curiosidade falou mais alto – os dedos dela digitavam rapidamente e Cal percebeu que ela estava entrando nos arquivos da faculdade. – Olha só isso aqui.

Ela começou a fazer várias pesquisas, como “Brookline”, “manicômio”, “os Scarlets” e “sociedade”, além de “desaparecimentos em Camford”. Apareceram poucos resultados. Os artigos sobre o Brookline eram curtos, e dava para ver que eram relatos açucarados feitos para acalmar os pais dos alunos, e não algo baseado em fatos.

– E agora isso aqui – ela continuou, abrindo outra aba e digitando um endereço que o fez se lembrar de algo.

– Você escreveu sobre isso na porta da Fallon, não? Sobre esse sub-alguma-coisa?

– Sim, esse é o nosso subreddit – explicou Holliday, abrindo um sorrisinho de aprovação. – Boa sacada. Depois de invadir o e-mail da Michelle, não conseguimos mais parar. Tem muito mais coisa aqui. Tipo esse cara – ela apontou para a tela com a unha lascada pintada de preto, indicando um link com o nome \$4UL. – Ele tem recortes de jornais dos últimos quarenta anos, fotos, teorias... Mas nada dessas coisas está nos arquivos da faculdade e, quando Fal e eu tentamos hackear, vimos que o nível de encriptação era altíssimo. Tipo, estou falando de uma coisa digna das Forças Armadas, e por quê?

Cal não sabia se ela estava ou não esperando uma resposta. De qualquer forma, hackear não era exatamente sua especialidade.

– De repente eles guardaram alguns arquivos dos pacientes para a posteridade? Eles podem querer que as pessoas não vejam isso, por motivos de privacidade. A professora Reyes faz de tudo para limitar o acesso aos arquivos no porão.

– Acho que tem mais coisa aí. Muito mais. E nós vamos descobrir – os olhos dela brilharam, e pareceram mais claros e menos pretos sob o brilho do abajur da escrivaninha.

– A gente não devia tentar encontrar a Fallon? – ele perguntou, se afastando da escrivaninha e passando as mãos nos cabelos. – Isso parece ser um assunto bem mais urgente.

Holliday ficou de pé também, aproximando-se dele com suas pernas finas e abrindo um sorriso.

Parecia meio maluca, mas ele com certeza não ia comentar nada.

– Não é a gente que vai encontrar a Fallon – Holliday se virou para olhar o cachimbo em cima da cama. – É você.

– Eu? – Cal olhou para si mesmo, como se ela o estivesse confundindo com alguém. – E o que é que eu posso fazer?

– Você e seu pai se dão bem? – ela perguntou.

– Não, não exatamente.

– Bom, você pode se preocupar com isso depois de mandar a mensagem para ele – Holliday respondeu, revirando os olhos.

As coisas estavam avançando um pouco depressa demais.

– Que mensagem?

– Precisamos de um registro do seu pai admitindo que está envolvido com os Scarlets, e que não se trata só de uma sociedade acadêmica – ela falou, remexendo nos bolsos outra vez e sacando seu celular.

– Eu posso me esconder em algum lugar por perto. Você só precisa fazer com que ele responda por que tentou incriminar Fallon. Acha que consegue fazer isso?

Talvez tivesse sido melhor ir jantar com Devon, no fim das contas. Mas ele tinha coisas mais importantes para pensar, não? Como saber se Roger estava mesmo por trás do convite de Devon para sair. Do rompimento tão súbito de Micah e Lara. Do fato de Fallon ter sumido do mapa...

– Como isso vai ajudar a Fallon?

– Se o seu pai admitir que está metido em alguma coisa obscura, podemos usar isso contra ele – Holliday explicou, mordendo o lábio inferior. Não era algo que inspirasse muita confiança. – Chantagear o chantageador, sabe como é?

Cal suspirou e olhou pela janela.

– Você acha mesmo que isso vai funcionar?

– Ele é um homem, e nada mais que isso, Cal – ela falou, endireitando os ombros frágeis. – É só o seu pai, certo? Não esquece. É só o seu pai.

CAPÍTULO

13

Tecnicamente já era primavera, mas Cal estava morrendo de frio enquanto aguardava no gramado em frente ao Brookline. Holliday estava por perto, atrás de umas árvores e arbustos a alguns metros de distância, provavelmente congelando também.

Tentei pôr o cachimbo no quarto da Fallon, mas ela não atende a maldita porta. Alguma sugestão? Podemos nos encontrar para conversar?

Ele estreitou os olhos, irritado pelo brilho intenso da tela e da mensagem escrita nela. Cal não sabia nem se Roger ia responder, mas Holliday fez questão que ele a enviasse. Depois de receber a resposta, ele era obrigado a admitir que a teoria da conspiração apresentada por ela estava cada vez mais condizente com a realidade.

Estou indo aí. Me encontre em frente ao prédio em vinte minutos.

O gramado estava vazio, a não ser pela presença de Cal. Ele viu um vulto se aproximando, vindo da direção dos prédios acadêmicos, e então a silhueta de alguém do tamanho do pai. Uma fina névoa pairava sobre o chão, envolvendo a base da árvore onde Holliday aguardava.

Cal observava a aproximação de seu pai, garantindo a si mesmo que não estava vendo o fantasma do garotinho no encaixe de Roger. Ele esperou, todo trêmulo, revisando a lista em sua cabeça: *Quero que meus amigos estejam bem, não importa se juntos ou não. Quero que Fallon fique na faculdade. Quero dizer a ela que gostei do gibi...*

– Muito bem – Roger falou, um pouco ofegante. Ele olhou ao redor e segurou com firmeza o cotovelo de Cal. – Você está aqui. Isso é bom. Agora vamos.

Cal o seguiu com passos hesitantes, sentindo seu braço ficar vermelho sob o toque de seu pai.

– Vamos aonde?

Ele não queria se afastar demais de Holliday e seu celular. Se Roger era mesmo o responsável por seu sumiço, eles precisavam registrar isso com suas próprias palavras.

– Lá para dentro. Apesar de ter falhado em fazer sua parte, você já sabe demais. É um de nós agora.

Um de nós?

– Nós quem? – Cal perguntou. Eles estavam entrando no Brookline, e seu peito começou a doer, com o coração batendo a mil, um sinal de que havia alguma coisa muito errada. – O que está acontecendo? Cadê a Fallon? Ela não está no quarto, e não responde nada pelo telefone.

– Minha nossa, eu criei mesmo um idiota – resmungou Roger. – Mas pelo menos você finalmente está colaborando.

Cal sentiu a boca seca. Ele ouviu passos atrás de si, e torceu silenciosamente para que Holliday mantivesse a distância, onde quer que estivesse. Aquilo não era parte do plano, e não queria que ela acabasse presa em algum lugar com Roger. No fundo, ele sabia aonde estavam indo, e seguiu com passos inseguros enquanto Roger o conduzia até o porão trancado com o cadeado.

Roger sacou do bolso da calça uma única chave, e a enfiou no buraco.

– Por que você tem a chave daqui? – murmurou Cal. – No que você está metido, pai?

Dando uma risadinha, Roger deu uma olhada para ele e o puxou porta adentro.

– Você deve estar assustado de verdade para me chamar assim.

– Assustado não – Cal se apressou em dizer. Ele tinha que entrar no jogo, para que seu pai acreditasse que estava ao seu lado. *Pensa.* – Eu não fazia ideia de que ser um Scarlet dava acesso a tanta coisa.

Roger deteve o passo, balançou a cabeça e coçou a garganta.

– Isso dá acesso a tudo, Cal. Esta faculdade, esta cidade, tudo é dos Scarlets. Você vai ver.

Cada vez mais, Cal se convenciu de que não queria ver.

– Essa menina, a Brandt, estava perto, bem perto. Era bem esperta. Acho que ela e a amiga não vão ser as últimas pessoas a enfiar o nariz onde não são chamadas. Ainda não demos um jeito em todo mundo e podemos nunca conseguir, mas podemos mandar um bom aviso, ah, isso sim.

– Do que você está falando? – Cal tentou manter um tom de voz calmo. – Você está parecendo paranoico.

– Paranoico não, preparado.

A garganta de Cal começou a coçar por causa da poeira enquanto desciam ao porão. Ele ouviu vozes e sons de pés se arrastando. Mais uma vez, ele torceu para que Holliday mantivesse a distância.

– Por que você nunca me contou sobre isso antes? – Cal questionou, sinceramente curioso.

Roger o largou, aparentemente satisfeito por Cal estar ali por vontade própria. Eles passaram por um chão coberto de poeira, atravessando o saguão e entrando no corredor que Cal já conhecia. Os passos e as vozes ficaram mais altos, e ele ouviu uma risada parecida com um farfalhar de asas na escuridão.

– Como eu disse, gosto de matar dois coelhos com uma só cajadada sempre que possível.

Roger mostrou os dentes, não exatamente em um sorriso, mais como uma boca escancarada. Como um predador. Um animal.

Cal ouviu as vozes ainda mais nitidamente, apesar de seu tom não se alterar, permanecendo constante e monótono. Roger parou na frente do quarto três e segurou Cal pelos ombros, obrigando-o a encará-lo.

– Isso significa que você vai ser um de nós em breve, filho – Roger anunciou de forma solene.

Cal piscou algumas vezes e se segurou para não fugir. Enfim, estava se dando conta de que *já estava* envolvido naquilo tudo. Querendo ou não estar ali, ele faria parte do que estava acontecendo naquele quarto. Ele não havia feito nada para impedir isso, e talvez isso o tornasse tão ruim quanto os demais.

Mantenha a distância, Holliday. Fique longe disso.

– Agora vamos resolver logo esse problema – Roger falou, apertando seu ombro e abrindo um sorriso de verdade, um sorriso eufórico.

Com firmeza, ele guiou Cal pelo ombro até o quarto três. Estava exatamente como se lembrava – as paredes caindo aos pedaços com manchas de umidade e mofo; a janela pequena e escura; a cama e a mesinha...

No entanto, havia mais uma coisa daquela vez: uma cadeira nova e intacta, com amarras na altura dos braços, das pernas e do pescoço. Fallon estava sentada ali, lutando para se libertar.

Cal era capaz de sentir a presença acusadora do menino fantasma, observando tudo.

– Eu não estou aqui para ajudar, né? – ele murmurou, com o queixo trêmulo. – *Eu sou como eles também.*

– O que você disse? – Roger perguntou, mas não esperou pela resposta. – Deixa para lá – ele elevou o tom de voz, se virando para a porta. – Peguem a outra. Ela veio espreitando pelas sombras atrás de nós.

Passos começaram a ressoar pelo corredor. Em seguida, Cal ouviu um grito – o de Holliday –, e instantes depois ela estava sendo arrastada para dentro do quarto por duas figuras usando túnicas vermelhas. Cal estremeceu, e sentiu a mão de seu pai apertar ainda mais seu ombro.

– Me larguem! – Holliday estava resistindo, se debatendo. – Seus psicopatas! Me larguem! Não podem encostar em mim – seu tom de voz estava cada vez mais desesperado. – Vocês não podem encostar

em mim!

Roger deu uma risadinha.

– Aqui embaixo podemos.

Fallon ficou olhando para Cal da cadeira onde estava presa. O brilho de seus olhos azuis havia desaparecido. A fita adesiva colada em sua boca a mantinha em silêncio, mas ele conseguia ouvir suas tentativas de gritar.

– Acho que a srta. Brandt não vai mais querer ir atrás de segredos – Roger disse. – Ela e sua amiga sempre gostaram de arrumar encrenca e se meter nas coisas. Meninas enxeridas podem acabar enfiando o nariz onde não deveriam – ele ergueu a mão e fez um gesto para o quarto três e o porão lá fora. – Como um lugar como este aqui. Meninas assim podem, digamos, cair da escada. Se perder. Desaparecer.

Desaparecer? Como assim, desaparecer?

A barreira invisível, que Cal detestava mas conhecia muito bem, não estava mais lá. Ele estava ali por inteiro, vivenciando o momento até demais. Com medo e com raiva, querendo a barreira de volta. Ele não queria se sentir assim.

Cal olhou ao redor, se esforçando para conter a náusea. Fallon estava presa a uma cadeira com uma figura logo atrás, toda de preto. Logo ao lado, uma mesa com estranhos instrumentos médicos...

– Calma – Roger rugiu, virando-se para Holliday. As figuras de túnica vermelha ainda tentavam imobilizá-la. Uma delas enfim conseguiu passar a fita sobre sua boca, mas Holliday havia visto a mesa e a bandeja com os instrumentos reluzentes e afiados. Ela se debatia com mais força, esperneando. – Isso não é para vocês, não se vocês se comportarem e fazer o que mandamos.

– Nós? – Cal se livrou do toque de seu pai. – Eu não tenho nada a ver com isso! Isso um é problema seu e dos Scarlets com... com ela! – ele apontou para Fallon, presa na cadeira. – E daí que elas estavam hackeando? É só pedir a expulsão delas, sei lá, mas, pelo amor de Deus, deixe as duas irem embora!

– Você disse que ele estava do nosso lado – era a figura vestida de preto quem estava falando.

Sua voz feminina parecia familiar, mas abafada pela máscara. Ele não conseguiu reconhecê-la e no momento não sabia para onde olhar. Holliday estava sendo arrastada para fora, esperneando e se debatendo, e a figura de preto estava avançando em sua direção, segurando um instrumento longo e afiado.

– Dá um jeito nele – ela falou. – Ou eu mesma faço isso.

– Não tem necessidade disso – Roger respondeu, erguendo as mãos. Ele foi andando lentamente até Cal. – Pensei que estivéssemos falando a mesma língua, filho. Eu cumpri minha parte do acordo, não? Fiz tudo o que você queria.

Cal soltou uma risada enlouquecida e flexionou as pernas, procurando uma brecha para fugir. Ele não ia conseguir passar por seu pai, e o instrumento prateado e afiado estava cada vez mais próximo...

– Eu não quero isso, seu psicopata! Quem você pensa que eu sou?

– Eu não faço ideia – Roger respondeu com tranquilidade. – E é por isso que você é um problema.

Cal viu seu pai balançar a cabeça. Seria um sinal? Mesmo amordaçada, Fallon gritou para avisá-lo. Cal se virou e viu a figura de preto aparecer logo atrás de si, com o instrumento afiado ainda na mão. Mais passos ecoaram pelo corredor. Eles já haviam terminado com Holliday e estavam voltando para ele, que por estar sozinho certamente seria subjugado.

Cal agiu por impulso, sem pensar, e agarrou o instrumento, arrancando-o da mão da estranha. Não demorou muito para Roger ir para cima dele, tentando tirá-lo de sua mão. Com um grunhido furioso, ele reuniu todas as forças e se virou para se atracar com seu pai. Roger cambaleou para trás, sem agilidade para repelir o ataque. Ele se recuperou depressa, tentando dar um soco no estômago de Cal, mas errou o alvo. Golpeando de cima para baixo, Cal cravou o instrumento afiado no olho de seu pai.

Cal sentiu o sangue atingir seu rosto, morno e repentino, e recuou, enojado, sem conseguir enxergar. Havia sangue escorrendo de seus olhos? Ele não sabia...

Fallon parou de gritar atrás da mordança.

Algo atingiu com força a cabeça de Cal, borrando sua visão e fazendo suas pernas cederem. Ele ouviu seu pai gritando e se debatendo, e o sangue em seu rosto foi ficando cada vez mais espesso e pegajoso.

Existem sempre duas mortes, a real e aquelas que as pessoas conhecem.

O mundo ficou preto e depois cinza, oscilando e se desintegrando em partículas que se desfaziam todas ao mesmo tempo. Como os prédios de cabeça para baixo. Como os seus sonhos fantasmagóricos.

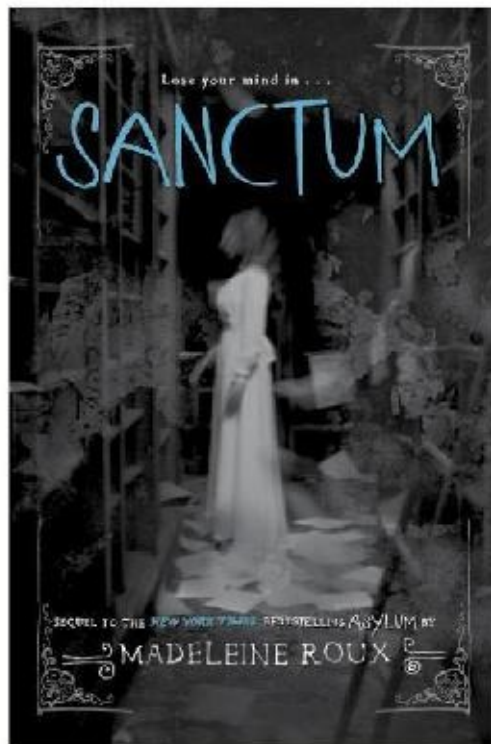
Seu pai continuava gritando quando um vulto se curvou sobre ele, a última imagem que Cal viu antes que a escuridão engolisse tudo.

– Está tudo bem. Nós cuidamos disso – era uma voz baixa e suave. A figura de preto. – Você é um de nós, Cal. Vamos cuidar de você. Vamos cuidar de tudo.

Agradecimentos

Obrigada, como sempre, a Kate McKean, pela ajuda e pelo apoio. Fico aliviada por Cal ter sido considerado cativante o suficiente para ter sua história contada, e foi bem divertido entrar em sua cabeça. A confiança depositada nele se deve em grande parte a Andrew Harwell, que parece gostar do canalhinha tanto quanto eu. A equipe da HarperCollins caprichou no trabalho de arte aqui, e fico sempre impressionada com sua dedicação e criatividade. Obrigada à minha família e aos meus amigos por não me deixar explodir de estresse e preocupação. Jean Rhys e Lee Falk foram minha inspiração para esta novela – *Vasto mar de sargaços* é um dos meus livros favoritos, e *O Fantasma* é uma série de quadrinhos profunda e maravilhosa. Por falar nisso, devo agradecer a Steve Wright, que me apresentou a *Vasto mar de sargaços* em um de seus tão influentes cursos. Por fim, uma palavra de agradecimento a Jeff Kurtenacker, pela trilha sonora que ouvi durante 90% do tempo em que trabalhei nesta história – quem escreve sempre precisa de uma boa trilha sonora.

O PASSADO ESTÁ DE VOLTA PARA ASSOMBRÁ-LOS.



[capa americana]

Conheça agora o início de *Sanctum*,
a impressionante sequência de *Asylum*,
que chegou à lista de mais vendidos do *New York Times*.

PRÓLOGO

Era um mundo de fantasia de luzes, sons e cores, barracas de doces e risadas ecoando pelos caminhos tortuosos. Havia curiosidades à espera a cada passo. Um homem cuspiendo fogo em um palquinho. O cheiro tentador de bolinhos fritos e pipoca no ar, que de tão onipresente se tornava enjoativo. E na última barraca havia um homem de barba longa – um homem que não prometia riquezas nem estranhezas, nem mesmo um vislumbre do futuro. Não. O homem da última barraca prometia a única coisa que o garotinho queria acima de tudo.

Controle.

CAPÍTULO

1

Vocês não vão acreditar nisso, digitou Dan, sacudindo a cabeça diante do monitor. Um “especialista em manipulação de memória”? Isso existe mesmo? Enfim, vejam o vídeo e me digam o que acham!

O cursor do computador pairou sobre a última frase – pareciam as palavras de alguém desesperado. Mas tudo bem, porque Dan estava começando a ficar desesperado mesmo. Suas três últimas mensagens tinham ficado sem resposta, e ele não sabia nem se Abby e Jordan ainda estavam se dando o trabalho de ler o que ele escrevia.

Dan apertou o botão de enviar.

Ele se afastou do notebook, mexendo o pescoço e ouvindo os estalos suaves de sua coluna entrando no lugar. Ele fechou o computador – talvez com força demais – e ficou de pé, enfiando o notebook na mochila junto com um monte de pastas e folhas soltas. O sinal tocou no momento em que ele terminou de guardar as coisas e estava saindo da biblioteca para o corredor.

Os estudantes apareceram no corredor largo em uma massa compacta. Dan viu alguns de seus colegas de aula de Cálculo, e acenou para eles enquanto ia até os armários. Missy, uma morena baixinha e sardenta, havia decorado seu armário com todo e qualquer adesivo e cartão-postal de *Doctor Who* que conseguia encontrar. Um garoto alto e magro chamado Tariq estava pegando seus livros no armário ao lado, e logo adiante estava Beckett, o aluno mais baixinho do terceiro ano do Ensino Médio.

– Oi, Dan – Missy o cumprimentou. – A gente sentiu sua falta na hora do almoço. Onde você se enfiou?

– Ah, eu estava na biblioteca – respondeu Dan. – Tinha que terminar um trabalho para a aula de Literatura Avançada.

– Cara, vocês precisam fazer coisas demais para essa aula – comentou Beckett. – Ainda bem que eu não entrei nesse curso avançado.

– Então, Dan, a gente começou a falar sobre *Macbeth* assim que você saiu. Está planejando ir?

– É, eu ouvi dizer que a montagem ficou incrível – contou Tariq, batendo a porta do armário com força.

– Eu nem sabia que iam encenar essa peça aqui – respondeu Dan. – É tipo um lance do clube de teatro?

– É, e a Annie Si está participando. Só isso já é razão suficiente para ir. – Beckett abriu um sorriso malicioso para os demais, que Dan devolveu sem nenhuma animação, e o grupo saiu caminhando pelo corredor.

Dan não lembrava quais aulas os outros tinham em seguida, mas, apesar de não ter feito trabalho nenhum na biblioteca na hora do almoço, ele de fato precisava subir para o segundo andar para a aula de Literatura Avançada. Não era a sua matéria favorita, mas Abby havia lido a maioria dos livros do currículo e prometeu ajudá-lo quando fosse preciso, o que tornava tudo muito mais agradável.

– Acho que a gente deveria ir – disse Tariq. Ele estava vestindo uma blusa que tinha três vezes o seu tamanho e calças apertadas. Parecia uma daquelas miniaturas cabeçudas de jogadores de futebol. – E, Dan, isso vale para você também. De repente consigo até uns ingressos grátis. Eu conheço o cara que cuida da parte técnica da peça.

– Sei lá, eu nunca gostei muito de *Macbeth*. É uma história realista demais para pessoas obsessivas como eu – Dan respondeu, esfregando furiosamente uma mancha invisível na manga da blusa.

Missy e Tariq o encararam com uma expressão de perplexidade.

– Você sabem... – ele soltou uma risadinha. – “Vai-te, mancha maldita!”

– Ah, isso é da peça? – questionou Tariq.

– É, sim... É uma das falas mais famosas – ele franziu a testa. Abby e Jordan teriam entendido na hora.

Macbeth por acaso não era leitura obrigatória nas escolas? – Enfim, a gente se vê mais tarde.

Dan se afastou do grupo e subiu. Ele pegou o celular e mandou uma mensagem rápida para Jordan e Abby: *Ninguém aqui entende o meu senso de humor. Socorro!* Vinte minutos depois, no meio do tédio da aula, Jordan ainda não tinha respondido, e Abby havia se limitado a um simples “LOL”.

Qual era o problema? Onde estavam seus amigos? Eles não tinham muito o que fazer... Na semana anterior, Jordan estava reclamando no chat do Facebook que suas aulas eram um saco. Segundo ele, nada mais parecia desafiador depois de passar pelo curso preparatório do New Hampshire College. Dan até entendia o motivo, mas, sendo bem sincero, as aulas eram a última coisa de que se lembrava do último verão em New Hampshire. Ele não conseguia parar de pensar no que aconteceu em seu alojamento, o Brookline – um antigo manicômio administrado por um diretor megalomaniaco, Daniel Crawford.

Quando não estava refletindo a respeito desse *pequeno* detalhe, ele se via pensando em Jordan e Abby. Assim que voltou do campus, ele recebia e-mails e mensagens de texto dos dois o tempo todo, mas nos últimos dias eles mal haviam se falado. Missy, Tariq e Beckett até que eram legais, mas Jordan e Abby eram diferentes. Jordan sabia como provocá-lo, mas sempre de uma maneira bem-humorada que o fazia rir. E, se Jordan pegasse pesado demais, Abby estava lá para repreendê-lo e restabelecer o equilíbrio. Ela era o eixo que mantinha o grupo unido – uma amizade que, pelo menos para Dan, valia a pena preservar.

Então por que seus amigos o estavam ignorando?

Dan olhou para o relógio, soltando um grunhido. Faltavam duas horas para encerrar o dia. Mais duas horas antes de ir correndo para casa e entrar na internet para falar com seus amigos.

Ele suspirou e se recostou na carteira, guardando o celular com um gesto relutante.

Era estranho pensar que, enquanto um lugar perigoso como o Brookline os uniu, a vida cotidiana estava começando a separá-los.

Um sanduíche de pasta de amendoim comido pela metade estava abandonado no prato ao lado de seu notebook. Aos seus pés, o livro da aula de História Avançada. O ar frio do outono em geral o ajudava a se manter concentrado, mas, em vez de fazer as tarefas de casa, ele estava ocupado mexendo no arquivo que criou sobre o Brookline. Depois que o curso preparatório acabou, Dan reuniu todas as suas anotações, pesquisas e fotografias em um arquivo bem organizado e catalogado.

Ele revisitava aquele material com mais frequência do que deveria. Apesar de toda a documentação, ainda faltava descobrir muita coisa sobre o diretor. E, depois de ficar sabendo que poderia ter alguma relação de parentesco com o homem através de sua família biológica – que aquele homem horrível poderia ser tio-avô, e que poderia dever seu nome a ele –, Dan passou a sentir um vazio em sua existência, um mistério pessoal que precisava ser resolvido.

No momento, porém, o arquivo estava servindo apenas como uma boa distração enquanto esperava que Jordan e Abby ficassem on-line. Como era aquela frase engraçadinha que seu pai sempre usava? *Anda logo e espera...*

– Dá para ser mais patético que isso? – Dan resmungou, passando as mãos pelos cabelos escuros e bagunçados.

– Acho que você está muito bem, querido.

Certo. Era melhor manter seus lamentos em silêncio no futuro. Dan virou a cabeça e viu Sandy, sua mãe, parada na varanda, sorrindo para ele. Tinha na mão uma caneca de chocolate quente, que Dan torceu que fosse para ele.

– Estudando muito? – ela perguntou, apontando com o queixo para o livro esquecido aos seus pés.

– Estou quase terminando – ele respondeu, encolhendo os ombros, pegando a caneca com as duas mãos, escondendo os dedos nas mangas da blusa. – Acho que mereço uma folguinha de vez em quando.

– É verdade – disse Sandy, abrindo um sorriso compreensivo. – É que... Bom, uns meses atrás você parecia todo animado com a ideia de estudar na Penn, mas já estamos em outubro, e o prazo final está chegando.

– Ainda tenho tempo de sobra – rebateu Dan, sem muita convicção.

– Talvez para escrever seu ensaio de admissão, mas você não acha que o pessoal que analisa os currículos vai achar estranho você ter abandonado todas as atividades extracurriculares no último ano de colégio? Você não ter feito um estágio? Mesmo que fosse só uma vez por semana, faria uma grande diferença. E talvez seja bom visitar outras universidades também.. Sabe como é, a primeira decisão nem sempre é a mais acertada.

– Se eu mantiver as minhas notas, não preciso de atividade extracurricular nenhuma. Além disso, o CPNH vai fazer uma tremenda diferença no meu currículo.

Sandy franziu a testa, e o vento gelado agitou seus cabelos na altura dos ombros quando ela desviou o olhar, virando-se para as árvores que cercavam a varanda. Ela cruzou os braços e sacudiu a cabeça. Era assim que ela sempre reagia quando o CPNH era mencionado; ao contrário de Jordan e Abby, que conseguiam dourar a pílula quando falavam sobre o Brookline, Dan contou aos seus pais mais ou menos a história toda. Eles estavam na sala quando Dan foi interrogado pela polícia; ouviram quando ele contou que foi atacado, imobilizado no chão... Mencionar aquele lugar na presença de seus pais era como evocar uma maldição.

– Mas tudo bem – Dan continuou, soprando o chocolate quente. – Eu posso arrumar um estágio ou coisa do tipo. Sem problemas.

A expressão de Sandy se amenizou, e ela descruzou os braços.

– Você faria isso? Seria ótimo, filhão.

Dan balançou a cabeça, chegando a abrir seu notebook para fazer uma pesquisa no Google. Ele digitou “estágio para tratador de animais”, e virou a tela para que ela não visse.

– Obrigado pelo chocolate – ele acrescentou.

– Sem problemas – ela acariciou seus cabelos, e Dan soltou um suspiro de alívio. – Você não tem saído muito ultimamente. O aniversário da Missy não está chegando? Lembro que você foi à festa de aniversário dela perto do Dia das Bruxas no ano passado.

– Deve estar – ele respondeu, encolhendo os ombros.

– Ou então seus outros... seus outros *amigos* – ela disse a última palavra com uma entonação estranha. – Abby, certo? E o menino?

Ela sempre fazia isso, perguntava sobre Abby como se não lembrasse seu nome. Era como se não acreditasse – ou aceitasse – que ele tinha uma espécie de namorada. Na verdade, até o próprio Dan considerava isso difícil de acreditar às vezes.

– Isso mesmo – ele resmungou. – Mas eles estão ocupados... com a escola, o trabalho, essas coisas.

Bela atuação, Dan. Seu Oscar vai vir pelo correio.

– Trabalho? Então eles trabalham?

– Quanta sutileza, mãe – ele murmurou. – Já entendi a dica...

– Claro que sim, querido. Ah, antes que eu acabe esquecendo, chegou uma coisa para você pelo correio...

Isso era um acontecimento incomum. Nunca recebia cartas. Sandy remexeu nos envelopes guardados

no bolso da jaqueta e pôs um em seu colo. A carta parecia ter sido jogada em uma máquina de lavar e depois esfregada na lama. Dan viu o endereço do remetente e sentiu um frio na barriga.

Sandy se aproximou para olhar.

– Deve ser só propaganda – Dan minimizou, jogando o envelope no meio de seus livros.

Ela entendeu a deixa e se afastou com um sorriso discreto. Assim que ouviu a porta se fechar e Sandy voltar para dentro de casa, ele pegou de volta a carta: *Lydia e Newton Sheridan*.

Sheridan? Como Felix Sheridan, seu antigo colega de quarto? Aquele que quis matá-lo no último verão porque ficou maluco ou porque estava, tipo, possuído? Quando fechava os olhos, Dan ainda conseguia ver o sorriso enlouquecido de Felix. Possuído ou não, Felix acreditava piamente que era a reencarnação do Escultor.

As mãos de Dan começaram a tremer enquanto ele rasgava o envelope. Talvez fosse um pedido de desculpas, ele pensou – era perfeitamente plausível que os pais de Felix entrassem em contato para se desculpar pelo transtorno causado pelo filho.

Dan respirou fundo e olhou ao redor mais uma vez para se certificar de que estava sozinho. Pela janela semiaberta, ele conseguia ouvir o barulho de Sandy lavando louça na cozinha.

Caro Daniel,

Você deve estar surpreso por eu entrar em contato, e fiz o que pude para evitar isso, mas agora está claro que é minha única opção.

Sei que não tenho o direito de pedir isso, mas por favor me ligue assim que receber esta carta. Se você não entrar em contato... Bom, não posso dizer que não entendo.

603-555-2212

Por favor, me ligue.

Cordialmente,

Lydia Sheridan